

Compra -6. MM 2010

N.º 9

LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1924

ANO I

Director
Oliveira Tavares

Editor
Joaquim Araujo

Propriedade da Empresa
de Publicidade Colonial, L.ª

GAZETA DAS COLONIAS

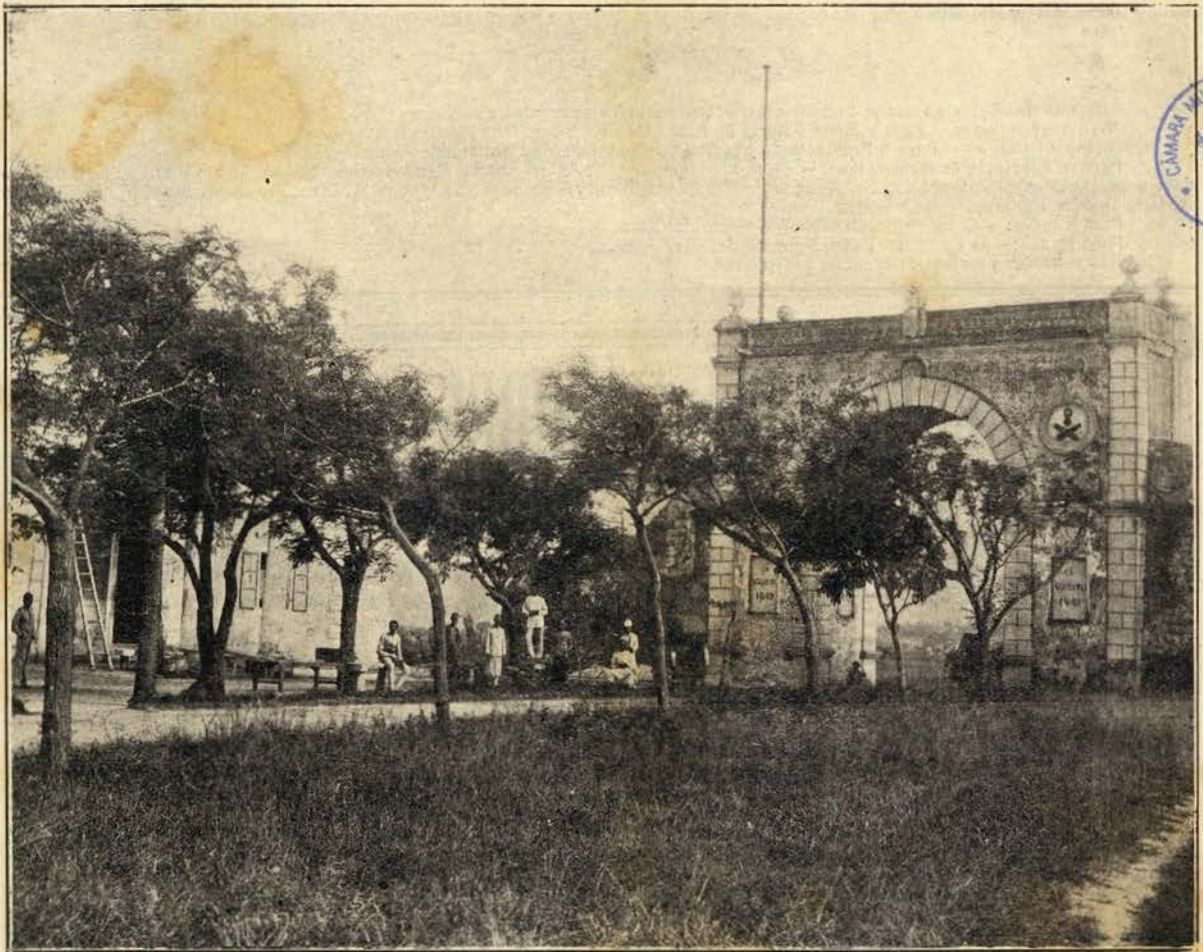
Composto e Impresso
Rua do Seculo, 150

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e Administração
R. Diário de Noticias, 44, 1.º

SEMANARIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS

MONUMENTOS COLONIAIS



MACAU — A Porta do Cêrcio

Combr

COLABORADORES

Albano A. Portugal Durão (antigo ministro), Maj. A. Cifka Duarte (Ex.^{mo} Director da Aeronautica Militar), Dr. Alexandre de Vasconcellos e Sá (antigo ministro), Engenheiro Alfredo Augusto Freire de Andrade (antigo gov. colonial), Dr. Alvaro Xavier de Castro (antigo gov. colonial), Dr. Antonio Gonçalves Videira (Beira-Moçambique), Antonio José Pires Avelanoso, Alm. Antonio J. A. F. Pinto Basto, Major Antonio Leite de Magalhães (antigo gov. de distrito), Antonio Pinto Teixeira (antigo gov. de districto), Maj. Antonio Ribeiro de Carvalho (antigo ministro), Eng. Antonio Vicente Ferreira (antigo ministro), Dr. Armando Cortesão, Dr. Armino Monteiro, Artur Tamagnini de S. Barbosa (antigo gov. colonial), Aires de Ornelas e Vasconcelos (antigo ministro), Cap. Carlos T. A. dos Santos, Dr. Carlos Amaro, Cap. ten. Carlos Pereira (antigo governador colonial) Eng. Carlos Roma Machado, Carlos Oscar da Silva, Eng. Carlos de Sá Carneiro, Al. Carlos Viegas Gago Coutinho, Dr. Constantino José dos Santos (senador), Dr. Egidio Inso, Alm. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcelos, Dr. Fernando Emídio da Silva, Maj. Francisco C. Aragão, Eng. Francisco da Cunha Rego Chaves (antigo ministro), Maj. Francisco Pedro Curado, Eng. Francisco Pinto da Cunha Leal (antigo ministro), Heitor Eugenio de Magalhães Passos (inspector escolar) Ten. Cor. Henrique Sáiro Pires Monteiro, Cap. Ten. Henrique Monteiro Corrêa da Silva (antigo governador colonial), Dr. João Camoesas (antigo ministro), Cap. João Guilherme de Menezes Ferreira, Cap. João Luiz de Moura, Ten. Cor. João Maria Ferreira do Amaral, Dr. João dos Santos Monteiro, Eng. João Tamagnini de S. Barbosa (antigo ministro), Gen. José Augusto Alves Roçadas (antigo governador colonial), Maj. José A. de Melo Vieira, Dr. José Benevides, Dr. José Caeiro da Mata, Cap. Ten. José E. Carvalho Crato, Dr. José O. Ferreira Diniz, Maj. José Tristão de Bettencourt, Luiz de Menezes Bragança, (India), Luiz Moits, Dr. Manuel de Brito Camacho (antigo Alto Comissario em Moçambique), Dr. Manuel Fratel, Manuel Ferreira da Rocha (antigo ministro); Mariano Machado (antigo director da C. F. de Benguela), Dr. Roberto Bruto da Costa (India), Paulino dos Santos Gil (Lourenço Marques), Tomé de Barros Queiroz (antigo ministro), Dr. Francisco Anacleto da Silva (Senador por Macau).

AGENCIAS



A Gazeta das Colonias tem já definitivamente estabelecidas as seguintes agencias:
No continente: — Para o Porto e Norte do Paiz—Os Ex.^{mos} Srs. Dias Pereira & C.
Nas Colonias: — Para a Provincia de Angola: — A Empresa de Publicidade «Angola», Lim.^a.
 Para a Provincia de Moçambique. — *Lourenço Marques:* Ex.^{mo} Sr. Aniano Mendes Serra (com acção nos distritos de Gaza, Quelimane e Tete). *Moçambique:* Ex.^{mo} Sr. Antonio Fernandes da Silva. *Inhambane:* Ex.^{mos} Srs. A. Cruz, Limitada. *Manica e Sofala:* Ex.^{mo} Sr. Luiz Pereira Eduardo.
 Para a India: — O Ex.^{mo} Sr. Dr. Roberto Bruto da Costa.
 Para Macau: — O Ex.^{mo} Sr. Pedro Nobasco da Silva Junior.
 Nas restantes provincias: agencias provisórias.

PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;
 Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.
 Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.
 Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.
 Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).
 Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de escafetos, etc.
 Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.
 Obras hydraulicas.
 Fornecem-se:
 a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.
 b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.
 c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.
 d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 Administração e serviço de transportes
 | C. 2992 |
 | C. 1588 | Oficinas, docas e obras

Endereço telegrafico:

“DRYDOCKS,,

A POLITICA E AS COLONIAS

SOB esta epigrafe tivemos nós já que fazer amargas considerações acerca do que se passou aquando do provimento do Alto Commissariado de Angola.

Dia a dia, novas razões de mágua vão surgindo; a cada momento se vão passando factos que em nós despertam sérios receios sobre o futuro das nossas colonias, cujo progresso é quasi sempre sacrificado ás conveniências da politica partidaria.

E' vér o que se passa com os governos coloniais.

De quando em quando tal partido ou tal agrupamento politico, resolve propôr, e quantas vezes impôr, a candidatura dum correlegionario seu para a primeira vaga que se dê nos governos das nossas provincias ultramarinas. Cabo Verde ou Macau, Guiné ou India? Não importa. *A primeira vaga*, sem restrições, como se a administração não tenha para cada colonia modalidades diferentes resultantes de variados factores, que é mister conhecer intimamente.

O resultado desta insensata orientação, é tudo quanto ha de peor para o progresso colonial.

A acção do governador assim *escolhido* é, salvo rarrissimas excepções, altamente prejudicial para a vida da colonia, a quem venha a *cabem em sorte*...

Levado áquella situação pela influen-

cia dos seus correlegionarios, que não pela força dos seus proprios méritos, passa a primeira fase do seu governo, numa ancia de destruir tudo o que encontre e que, podendo ser benéfico para a colonia, não seja do agrado daqueles que, tendo a mesma chancela politica, se arvoram logo em seus mentores e a quem teem de acarinhá-los por disciplina partidaria...

E assim são postas de parte medidas de fomento ainda não provadas; assim são levados a demittir-se funcionarios que ao desenvolvimento da colonia poderiam convir, para dar lugar a amigos, que teem de ser collocados por um principio e dedicação partidaria, dessa mesma dedicação, por virtude da qual o governador ascendeu ao seu alto cargo.

Depois com gente nova, *toda essa*, mas inexperiente, entrará o governador naquella conhecida fase, toda absorvida pelos pruridos de *fazer uma obra*, muito pessoal, que não importa que se integre ou não no programa de desenvolvimento da colonia, mas que é indispensavel que marque a individualidade do governante.

Vêem os erros; e ainda em nome da disciplina e da solidariedade partidaria, esses erros são mantidos e defendidos na metropole, contra os clamores da colonia e a despeito de quaisquer protestos, que muito simplesmente serão atribuidos, não a

um honesto interesse pela prosperidade dos nossos dominios, mas a antagonismo politico,

E a colonia sofre, e vai sofrendo até que um dia começam aparecendo os boatos de que o governador vem á metropole e não volta; desmentese... que vem e volta.

Chega finalmente; seguem-se conferencias e entrevistas; são exaltados os altos serviços prestados á colonia pelo governador, que a seguir resolve não voltar.

Novas diligencias; *anda novamente a roda*, e á desgraçada colonia, cujos maes foram agravados num parentesis por vezes longo de extagnação na sua administração, *sai* outro governador, pouco mais ou menos, nas mesmas condições.

Será assim que as nossas colonias poderão progredir?

Ninguém de bom senso dirá que sim.

E nesse caso, porque não se sacrificam os interesses da politica partidaria ao progresso das colonias, ao contrario do que sistematicamente se tem feito, esquecendo, tantas vezes, as obrigações que teem com a potencia colonial, para só se atenderem conveniencias de correlegionarios?

A não se seguir abertamente por esse caminho, crêmos não errar, prevendo que amargos dias nos esperam...

CORRECTIVOS DA GRANDE GUERRA NO IMPERIALISMO EUROPEU

(Continuação)

E' possível que, alguma vez, obedecendo ao feito sentimental da raça, o governo portuguez exage: asse a protecção ao indigena das colonias, tratado nas escolas da Metropole com benevolencia igual á dispensada ainda hoje aos alunos do sexo feminino. Mas, sem duvida, representa uma boa medida, por inteiramente conforme com os ditames da pura e sã democracia, o subsidio pago pelo tesouro portuguez aos mais distintos alunos do ensino primario e medio do ultramar para cursarem na Europa as escolas superiores, habilitando-os a seguirem as carreiras mais uteis a si, ao paiz e, muito especialmente, ao seu torrão natal. Por uma ordem régia de 1832, que o regime liberal perfilhou e ampliou em 1840, tentou assim o governo portuguez uma experiencia, que alguns anos mais tarde havia de fructificar, e com um caracter de maior permanencia, na instituição das *bolsas de estudo* e dos subsidios do Estado a technicos portuguezes no estrangeiro. Essa experiencia, que foi um poderoso estímulo á selecção de compe-

tencias, promovida tambem pelo auxilio pecuniario de instituições locais como as extintas Camaras Agrarias de Góa, que tomaram a si o encargo de subsidiar na Metropole os alunos laureados das escolas preparatorias da colonia, deu á Nação Portugueza, de 1833 a 1857, nas sciencias e nas letras, alguns nomes illustres, distribuidos d'este modo pelas provincias de Cabo Verde, India, S. Tomé e Angola.

De Cabo-Verde vieram 13, distinguindo-se o medico Francisco Hopper, que ali voltou cirurgião-mór e o conego Marcelino de Barros, que foi vigário geral na Guiné e a quem uma lei de 1896 dispensou para a reforma o tempo de serviço que lhe faltava no ultramar.

Dos 17 estudantes de S. Tomé alcançaram nomeada o medico Pedro Viana de Andrade, que foi chefe do serviço de saúde em Moçambique, e Leandro da Costa, que José Luciano de Castro muito estimou como seu antigo condiscipulo em Coimbra e seu colega na extinta Direcção geral dos Próprios Nacionais.

A Angola voltou cirurgião-mór para Benguela Leonardo Ferreira, de entre os 19 estudantes que aquella provincia enviou á Metropole.

A contribuição maior, em número e na qualidade, foi certamente a da nossa India, que, em 48 alunos subsidiados no mesmo espaço de 20 anos, deu, além de vários burocratas, 7 officiais do exército e da armada, 2 dèles da arma de engenharia, 5 bachareis em Direito, outros 2 formados em teologia e 12 médicos. De entre todos destacarei os nomes de Raimundo Rodrigues e Constancio de Faria, lentes da Universidade de Coimbra, Isidoro Baptista e Agostinho Lourenço, professores da Escola Politecnica, e Caetano Manuel Alvares, professor da Escola do Exército. De Raimundo Rodrigues é sobrinho o dr. Be'tencourt Rodrigues, que foi nosso ministro em Paris em 1918, e de Isidoro Baptista era filho o engenheiro Renato Baptista, que tambem foi professor da Escola do Exército e deu o seu nome a uma das ruas da cidade de Lisboa, onde ha outra com o

nome do prof. Agostinho Lourenço. A estes nomes ha a acrescentar ainda, em data mais recente, os de Elvino de Brito e Cris-tóvão Aires, igualmente subsidiados pelo Estado em 1870.

Fóra d'essa pleiade, restrita a um periodo relativamente curto, bastantes foram, de procedencia colonial, as competencias affirmadas, dentro e fóra do territorio portuguez, sem a protecção do Estado. que, a partir de 1885, ou seja, dos objectivos procurados pelo conde Herbert de Bismark no Tratado de Berlim, se transmudou de mãe carinhosa em descaravavel madrastra. Porque, atravez do texto em que se proclamou a protecção ao indigena, pela prohibição do trafico d'escravos, do alcool e de armas e munições, e pelas facilidades dispensadas ás missões religiosas como instrumento de civilização, o Tratado de Berlim visou, evidentemente e exclusivamente, á expansão do commercio europeu nos mercados africanos. E pois que foi promovido e assinado sob a influencia da doutrina politica, vigente desde o Schleswig-Holstein, de que a «força sobreleva ao Direito.» assumiu desde então o Estado Portuguez, até em diplomas officiaes consignando diverso tratamento a colonias, quasi equiparados a estrangeiros, a attitude dos velhos fazendeiros, que se compraziam em, por todos os modos, illudir o espirito liberal da legislação e a escrupulosa vigilancia das autoridades. Não devo filiar n'esta orientação politica o rigor modernamente usado nas escolas superiores com os estudantes oriundos das colonias, tanto como com os da Metropole. Esse rigor é necessario para a selecção de competencias, indispensavel ao bom funcionamento dos serviços e ao progresso social. Mas, pelo que respeita á assistencia e á utilização do indigena como instrumento da riqueza local, eu creio que é motivo para sérias apreensões o abandono em que este assunto ainda hoje se encontra (excepção feita da França em Madagascar) por parte das nações mais bem apetrechadas, que justamente n'essa preocupação fundamentam os seus direitos á extensão colonial.

Em tése e na história, dois são os processos pelos quaes as raças soberanas conseguem o definitivo dominio dos povos conquistados: a absorção, pelos cruzamentos (o que Bismark, em 70, chamou a *germanização da Alsacia-Lorena*) e a eliminação, pelas guerras. E' sabido que, qualquer dos dois, só por uma evolução de séculos terá alcançado o seu objectivo. Entretanto, será forçoso cuidar do possível aperfeiçoamento da raça dominada, até mesmo como a melhor maneira de illudir ou conjurar a desconfiança entre os dois povos, origem de permanentes conflitos e hostilidades reciprocas.

Os dois escritores francezes, que citei, sustentaram o paradoxo de ser inconveniente ao dominio inglez na Índia a instrução literária facultada ás classes populares, cujo espirito, assim aberto á cultura europeia, padeceria da insofrida ambição de se emancipar da tutela britânica. Tenho a coragem fácil de dizer que não abona a visão intellectual dos mencionados escritores a estreiteza de semelhante observação. Quando esse fosse, na realidade, o inconveniente das classes letradas em territorio colonial, o argumento serviria para manter em permanente servidão os povos menos cultos. Mas é justamente nas classes letradas da Índia que o dominio inglez, ali, encontra o mais decidido apoio, talvez por um natural sentimento de gratidão, mas principalmente pela vantagem de evitar, n'um paiz retalhado por dissidios de toda a ordem, o pesado encargo da administração, em que apenas se pretende uma descentralização maior, que n'um futuro

mais ou menos próximo, levará porventura ao fraccionamento da peninsula em pequenos Estados autonomos, dado que aquelles 350 milhões de habitantes—população quasi igual á da Europa!—representam um conglomerado de raças diversas, falando diversas linguas e professando religiões diversas. Mahatma Ghandi, diplomado de Oxford, que o governo inglez, mesmo antes da ascensão dos *laboristas* ao poder, tratou sempre com as maiores deferencias, é, ali, menos um agitador politico do que o suave e desinteressado apostolo de uma ideia. Mas, pelo que respeita aos povos do continente africano, onde tambem tem interesses a Europa, o problema é outro; porque directamente importa á sua defeza fisica mais do que ao progresso mental. E' certo que na Serra Leão, na Costa do Ouro e do Marfim, a Inglaterra, protegendo, educando, e instruindo o indigena, pratica uma politica diversa da que usa na Africa do Sul, onde seguiu o sistema holandez de combate constante ao Zulu, ao Swazi, ao Bechuana e ao Bazuto, cuja resistencia á cultura europeia é ainda tenaz. Todavia, os negocios indigenas constituem na União Sul-Africana um ministerio autonomo, a cargo do proprio primeiro ministro assistido de 4 senadores, 1 subsecretário 19 *native commissioes*, 1 repartição do trabalho indigena, outra de arbitragem, e outra de *bertillonagem* com 21 inspectores.

Não se destinando os congressos colonias ao simples exame da obra realizada — e por certo que é das maiores, das mais illustres e das mais uteis, a obra colonial portugueza!—mas propondo-se tambem, e principalmente, indicar as faltas existentes e a fórma de as suprir, eu penso que na nossa Africa será difficil conhecer o valor exacto das populações indigenas, no que diz respeito ás suas natalidade e mortalidade e á sua capacidade produtora, emquanto a intervenção do Estado se limitar, como até hoje, a fiscalizar vagamente o fenomeno da emigração. E' obra da Republica a criação das secretarias dos negocios indigenas em Moçambique e Angola primeiro, e depois na provincia da Guiné. Sem de nenhum modo pretender amesquinhar a acção e a iniciativa de outros funcionarios que em territorio portuguez hajam tido cargo de semelhante serviço, eu não posso esquivar-me a salientar o interesse que esse assunto mereceu ao dr. Ferreira Diniz, que tanto em Angola como na Guiné desenvolveu uma actividade largamente documentada em relatorios publicados pelo Ministerio das Colonias e no *Boletim* mensal da Sociedade de Geografia.

Dos serviços de emigração, que em Moçambique tiveram uma «Intendencia» privativa, e, subordinados a uma Junta Central funcionando no Ministerio das Colonias, acham-se especialmente comitados a Curadorias de indigenas em S. Tomé e Angola e na região mineira do *Rand* sul-africano, existe, referida a esta ultima, a anotação, preciosa de informações e ensinamentos, do dr. Serrão d'Azevedo, que, entre os anos de 1912 e 1916, exerceu, com superior competencia e provada dedicação, o cargo de Curador dos indigenas portuguezes em Johannesburgo.

Mas, se é lastimavel que não existam, ou se conservem inéditos, iguaes trabalhos referidos á Curadoria privativa de S. Tomé, que, por um singular acaso, esteve confiada aos meus cuidados ha 26 anos, a verdade é que a emigração é um capitulo restrito do vastissimo problema a que podemos chamar a «questão indigena» e que ha-de ser pelas nações europeias considerado, não apenas no ponto de vista subjectivo da utilização da mão d'obra, mas com o alcance mais vasto e pelo prisma

elevado da preparação do indigena para um futuro mais prospero.

N'este melindroso assunto, é preciso que nos entendamos. Ninguem, por certo, pretende converter rapidamente um *seculo* do Bailundo ou um *balanta* da Guiné em diplomado da Universidade; porque isso, que é relativamente facil com individuos procedentes de raças que tiveram uma civilização, é, de momento, impossivel com aqueles que não tiveram nenhuma. Mas eu cuido que é justamente essa a missão das nações adeantadas: apontar aos povos atrasados o caminho do adeantamento. São os encargos do pátrio poder, no direito civil. Recordo-me de haver, nos meus estudos, fixado este conceito: a aprendizagem da Liberdade faz-se na propria Liberdade. Assim, eu defendo a colaboração dos elementos locais aos governos ultramarinos, pela conveniencia de repartir com elles as responsabilidades, tornando-os mais parcimoniosos no emprego dos rendimentos publicos e mais prudentes e cautelosos na critica, sempre facil quando se não sente o peso d'aquellas responsabilidades. Por isso, eu penso que seria absurda pretensão reduzir, de qualquer modo, a autonomia administrativa concedida ás colonias portuguezas; do mesmo modo que importa desvirtuar o pensamento d'essa autonomia a atribuição de um poder discrecionário aos Altos Comissários, que, n'um bem entendido regime de descentralização e representando sempre a soberania da Metropole, equivalem a um chefe de Estado constitucional no sistema representativo. Tal é na União Sul-Africana a função do Alto Comissario, de mera fiscalização ou superintendencia nos poderes politicos da colonia. Aludo a este ponto, porque elle é um dos assuntos propostos a debate no Congresso; e, se podemos discutir o criterio com que hajam exercido as suas funções os Altos Comissarios de Angola e Moçambique, não podemos negar a esses distintos funcionarios a intenção de servir, tão utilmente quanto se lhes tornou possivel, a politica dominante na Metropole.

Essa politica, meus senhores, sendo, como ainda é, a politica imperialista, caracterizada pelo predomínio do capital sobre o braço, ha-de necessariamente reflectir as incertezas da hora presente, que é, sem nenhuma duvida, a de maior acuidade no conflito, velho de mais de um século, entre o capital e o trabalho. Notou um economista que a guerra agravou esse conflito, forçando os Estados a uma maior soma de concessões ao trabalho, em detrimento, para não dizer em odio aos outros dois factores da riqueza publica: o capital e a terra. Havendo n'este enunciação uma parcela de verdade, uma lição entretanto se tira do facto constatado e é: que o equilibrio social só será possivel quando estiverem proximos da conciliação, n'um terreno de transigencias reciprocas, aqueles tres factores. A perturbação que n'este momento afecta a paz do Mundo provém—escusado seria dizê-lo—da reacção, que ás inevitaveis consequências da guerra pretende opor o capitalismo, que a desencadeou. E, se para decidir da victoria foi necessario chamar ás armas os trabalhadores, que são o maior numero em todo o mundo, impoz-se, na hora do armistício, o prémio a esse sacrificio; e foi este sentimento de justiça que, atravez do puritanismo de Wilson, pairou em toda a Conferencia da Paz, para assegurar, no Tratado de Versailles, uma protecção mais eficaz ao trabalho dos adultos e dos menores e uma solução mais equitativa para o problema colonial, considerado não apenas em vantagem exclusiva da Europa.

(Continúa.)

CULTURA DO ALGODOEIRO

INSTRUÇÕES PRÁTICAS

(Continuação)

Proseguimos na publicação das instruções práticas que, sobre a cultura do algodão, foram coligidas pelo sr. P. Granato.

Fazendo-o, procuramos prestar um serviço à agricultura colonial, a quem muito convem o conhecimento de regras já sancionadas pela prática.

A intensificação da cultura do algodoeiro é agora, mais do que nunca, oportuna e necessária, atendendo-se às crescentes exigências da indústria e ao «deficit» da produção mundial, o qual é calculado em cerca de 4 milhões de fardos, ou seja, 900 milhões de quilos.



Preparação de terreno—Lavra com um tractor Porter

IV — ADUBAÇÃO

39—A adubação favorece a produção e adianta a maturação das maçãs. Quem poder adubar as suas terras com fertilizantes apropriados tem muito a lucrar com esse serviço.

40—O farelo de algodão ou mesmo os de mamona e de outras plantas oleaginosas são magníficos adubos para o algodoeiro.

41—O estrume de curral é um bom adubo, mas tem o defeito de não satisfazer as exigências do algodoeiro. Em todo o caso, esse adubo convém às terras pobres de materia organica (terrenos argilosos compactos e arenosos).

42—A proporção dos elementos nobres com que convém adubar o algodoeiro tem sido representada por alguns autores do modo seguinte:

Acido fosforico.....	de 30 a 50
Azoto	de 9 a 15
Potassa	de 9 a 15

43—Dentre os adubos mais uteis e até mais necessários estão os compostos fosfatados. Actualmente o commercio dos adubos mineraes está muito desfalcado, e dos adubos ricos em fosforo só possuímos os ossos moídos que, infelizmente, não são de pronto efeito, devendo-se enterrar-os com muita precedencia para que o algodão possa tirar deles algum proveito.

44—Como se vê, o acido fosforico é tão necessario na cultura do algodão que será preciso empregal-o na razão tripla da percentagem dos outros elementos nobres—azoto e potassa.

45—Quando o lavrador não dispuzer de adubos mineraes (fosfatos e potassa) deverá aproveitar as cinzas e os

ossos moídos. Estes são uteis quando usados alguns meses antes da sementeira.

46—Numa adubação regular; pode-se aproveitar a potassa na proporção de uns 100 a 200 kgs. para cada alqueire de terra e o pó de osso na proporção de uns 1000 kgs.

47—As cinzas de qualquer especie são preciosas na cultura de que tratamos, e o bom agricultor deve aproveitar-as na maior porção que lhe for possível. Uns 200 kgs. para cada alqueire já aumentam sensivelmente a produção.

48—A adubação verde com leguminosas póde melhorar as condições culturaes do algodoeiro, mas o azoto induzido no solo em tão grande quantidade póde constituir um grave perigo, reduzindo a produção.

49—Faça-se a adubação verde, de preferencia, nas terras soltas e pobres e nas muito compactas. Deste modo melhoramos muito as qualidades fisicas dessas terras.

50—Os feijões, o amendoim e as outras plantas que se quer cultivar para adubo verde devem ser enterradas quando produzirem boa parte das flôres, e o enterramento convém seja feito pelo menos um mez antes da sementeira do algodão.

V — SEMENTE E SEMEADURA

51—Devemos ser cuidadosos em tudo que diz respeito à escolha e preparação da semente, época da sementeira e modos de executal-a. De uma boa orientação nessas operações depende grande parte do exito da cultura.

52—As sementes dos algodoeiros cultivados em S. Paulo são muito misturadas, salvo bem raras e muito hon-

- rosas exceções dos que cuidam seriamente da cultura racional dessa planta.
- 53—Um dos grandes males das sementes de que dispomos é serem elas muito misturadas devido a serem obtidas exclusivamente dos descaroçadores industriais, onde, além das dificuldades que ha em separar os produtos dos demais, nenhum cuidado se dispensa á escolha e separação das sementes.
- 54—Os nossos algodoeiros são todos do tipo vulgarmente denominado herbáceo e quasi todos de fibras curtas. São mais comuns o *creoulo* e o *Paula Sousa*, *Triumph Big-Boll*, o *Cleveland* e o *Allen Long-Staple*.
- 55—Todo o lavrador pôde e deve fazer a sua semente, bastando para isso fazer por si a selecção, ou, ao menos, a escolha dos capulhos e mandar descaroçar a parte esse produto.
- 56—Convém saber que bem poucas plantas são, como o algodoeiro, tão sensíveis ás condições de cultura, variando sensivelmente, segundo os diversos terrenos.
- 57—O cultivador que quizer seleccionar ou escolher a sua semente deve; na ocasião da colheita, mandar percorrer o algodão por um operario intelligente, afim de colher antes o que ha de melhor na produção.
- 58—Na selecção das sementes, dê-se preferencia ás maçãs que abrem primeiro porque assim ter-se-hão variedades mais precoces.
- 59—Na escolha das capsulas, convém dar preferencia ás plantas mais viçosas, e destas ás maçãs mais bem conformadas e ás mais bem desenvolvidas.
- 60—Não deve ser descuidada a observação de que são para preferir as maçãs que se produzem nos galhos da base ou, quando muito, até o meio da planta, escolhendo-se dentre ellas as que mais convém.
- 61—Os nossos mercados resentem-se da falta de algodão de fibras longas, e as nossas fabricas são, por isso, obrigadas a importar doutra parte essa especie de produto, de que muito carecem.
- 62—Seria desejavel que os estabelecimentos agricolas, auxiliados por qualquer fórma pelo Governo, tratassem da organização de culturas especializadas de algodões de fibra longa, para que estudassem as melhores variedades e produzissem as sementes de que venhamos a carecer.
- 63—Convém insistir e lembrar que os que tratam da selecção aconselham, entre outras coisas, escolher:
- a) as plantas que dão maior numero de ramos fructíferos e que devem ser tambem as mais bem conformadas;
 - b) as capsulas mais desenvolvidas;
 - c) as que se apresentam mais bem conformadas e que abram facilmente;
 - d) as que resistem melhor aos temporaes;
- e) as que conservam por mais tempo o algodão preso aos involucros do fructo;
 - f) as que contêm maior percentagem de filação;
 - g) as de fibras mais longas e mais resistentes.
- 64—Para que o agricultor selecione bem as suas sementes, deve semear á parte as que obteve da primeira selecção, continuando assim por varios anos até obter o produto desejado.
- 65—Os algodoeiros que apresentam folhas de grandes dimensões dão poucos fructos, portanto convém levar isto em conta quando se quizer fazer a selecção das sementes.
- 66—As capsulas ou maçãs de grandes dimensões resistem melhor ás ventanias; a sua colheita é mais facil e elas dão produto mais limpo e, portanto de maior valor.
- 67—Com a colheita das maçãs que amadurecem antes das outras de um mesmo pé têm-se conseguido variedades precoces de algodoeiros cujo ciclo vegetativo não vae além de quatro meses.
- 68—Uma das grandes vantagens das variedades precoces é tambem a da menor probabilidade que as plantas tem de ser atacadas pelos parasitas.
- 69—Convém guardar as sementes de algodão em local arejado e fresco, evitando-se que insectos e outros animaes nocivos as prejudiquem.
- 70—As sementes destinadas á cultura convém que sejam expurgadas para garantir esta contra as pragas que possam prejudical-as. Em qualquer caso, a preparação da semente é operação utilissima quando não fôr julgada indispensavel.
- 71—O expurgo das sementes é feito por processos varios, tendo todos em vista a destruição dos germens dos parasitas que eventualmente contemham. Uma das drogas mais comumente usadas e aconselhadas é o sulfureto de carbono, que pôde ser tido como formida rectificado.
- 72—A secretaria da Agricultura recomenda, para o expurgo em grande escala:
- Em quarto hermeticamente fechado, com as frestas das portas e janelas perfeitamente calafetadas com papel colado, colocam-se as sementes a granel ou em sacos empilhados de modo a não ficarem comprimidos e directamente sobre as pilhas, collocase em diversos pratos ou outras vasilhas rasas, sulfureto de carbonio rectificado, que é distribuido na proporção minima de 30 grms. de liquido para cada metro cubico de ambiente, deixando-se as sementes nessas condições durante 12 a 24 horas.

(Continúa)

Cabo-Verde

O que está feito e o que falta fazer

II

No anterior escrito, acerca do mais momentoso assunto que interessa a Cabo Verde, qual é poder evitar que a população morra á fome, mostrámos haver um grande numero de plantas, que pela sua comprovada resistencia á secura, podiam e deviam sêr protegidas, de fórma a concorrerem para a produção de alimentos ou de generos de exportação capazes de renderem mais do que o suficiente para fazer frente a uma sempre possível perda de uma inteira colheita de milho. Faltou-nos acrescentar que em Cabo Verde, além da existencia dessas preciosas plantas, ha tambem grandes areas de regadios permanentes, e ha ainda, muitas ribeiras, regularmente caudalosas que deitam para o mar, diariamente, sem qualquer aproveitamento, muitos milhares de metros cubicos de aguas ótimas. E morrendo a população á fome, e morrendo gado da mesma maneira, ao mesmo tempo que a agua se escapa sem aproveitamento, ocorre perguntar onde estarão os culpados? Efectivamente, onde estarão os culpados? Ninguém sabe, nem ninguém os vê, muitos sendo os que infelizmente lhes tem sentido os perniciosos processos de administração.

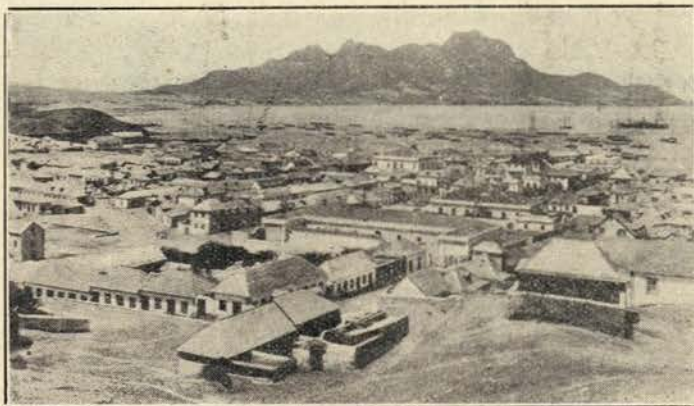
Assistimos bem infelizmente a varias crises de fome em Cabo Verde, e ainda hoje nos lembramos da horrosa morte que tantas vidas ceifou, com o contentamento de alguns que esperavam assim fazer substituir uma população, por outra, talvez menos soffredora, e de então para cá, como modestos mas constantes revolucionarios da pena e dos costumes, nunca mais deixámos de vir em defesa de Cabo Verde, sempre que ocasião se nos ofereça, por acharmos que bem justo é o ditado da população que «bom governo é boa chuva», tão desgobernada ela tem sido na maior parte das vezes.

As nove ilhas que constituem os centros de povoamento do arquipelago de Cabo Verde, tinham em 1917, 157 mil habitantes, sendo 73 mil homens e 84 mil mulheres. A densidade da população por quilometro quadrado era de 53 no concelho da Praia e Santa Catarina, de 166 na Brava, de 38 no Fogo, de 63 em S. Vicente, de 37 em S. Nicolau, de 5 no Boa-Vista, de 2 na ilha do Sal e de 43 na ilha de Santo Antão. A receita cobrada pelo Estado no mesmo anno de 1917, não ia a mais de 375 contos e a despesa foi de 370 contos, incluindo 35 contos gastos com trabalhos no concelho da Praia, para debelar os efeitos de uma crise parcial de subsistencias. O consumo medio de milho, por ano e com toda a população, está

seguramente avaliado em 6 mil toneladas, que o proprio arquipelago produz nos anos bons, pondo em cultura muito mais de tres mil hectares de terrenos sequeiros, onde a produção, nos anos de chuvas bem distribuidas, chega, sem espanto a sêr de 2.400 litros de milho, por cada 10 litros semeados. E' em grande parte devido á grande produção nos anos de chuvas regulares, e á facilidade da cultura, que a população, haja o que houver, todos os anos tenta esta efemera cultura e d'ahi a necessidade de se ir contraba-

balhadóra, para a população total era a seguinte, em 1917.

Concelhos	População total	Trabalhadores
Praia.....	31 118	13.438
Santa Catarina.....	30.699	4.797
Brava.....	9.297	1 998
Fogo.....	20.516	14 996
S. Vicente.....	12.163	3,029
S. Nicolau.....	12.876	5 672
Boa-Vista.....	3.242	999
Santo Antão.....	33.842	25.648
Ilha do Maio.....	1.896	818



S. VICENTE — Aspecto da cidade e da bahia

lançando os perniciosos efeitos, pelo estabelecimento metódico, mas seguro, de outras culturas seguras, como algumas ou todas das que citámos no nosso artigo anterior. Porque, convem insistir, é a irregularidade na distribuição annual das chuvas, que causa a morte do milho de sequeiro e leva as populações das ilhas á fome. Efectivamente, nas diferentes ilhas, a sementeira do milho, faz-se por todo o mês de Agosto; sucede muitas vezes, que as sementeiras de sequeiro (feitas em pó, como ali lhe chamam) são contempladas com uma pequena chuva incapaz de produzir a germinação e perdem-se, tendo de sêr repetidas o que é um contratempo, mas não grande. Depois, espera-se que as chuvas caiam de novo no mês de Setembro ou o mais tardar nos primeiros dias de Outubro, e se não vierem, o minho sêca sem produzir pão, e a população agricola trabalhadora, não tendo conseguido o seu alimento pela cultura da terra, espera trabalhos publicos para conseguir sustento. E a população tra-

Isto quer dizer que 71 mil almas, estão sempre á mercê do tempo, enquanto não houver ou um regadio que produza alimento abundante, ou uma arborização que além de influir benéficamente na regular precipitação das chuvas, produza alimento bastante para a população, para os gados e para exportar, contrabalançando uma possível importação de generos.

Mas, enquanto a população de uma ou de mais ilhas póde, no mesmo anno ser contemplada com o horror da fome, muito terreno das mesmas ilhas, onde a agua de poderosas nascentes não falta, pode muito bem estar produzindo cana de açúcar, mais tarde para transformar em aguardente, que vai levar a tísica, a lepra e o alcoolismo á parte menos cauta da população. Isto quer dizer que á desorientação governativa, gerada pela falta de competencia para administrar territorios que se desconhecem, acresce a desorientação da propria agricultura local, não sabendo com as suas produções ajudar a terra em que nasceram

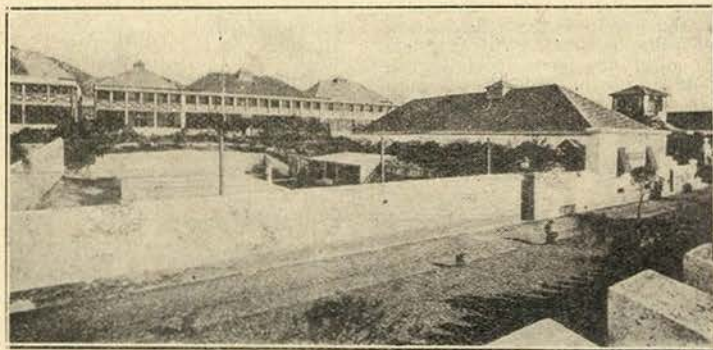
e as populações de que precisam para a propria sustentação da mesma agricultura. No ano de 1917, estavam cultivados com cana de açúcar as seguintes áreas regadias:

Conselhos	Áreas
Praia.....	70 hectares
Santa Catarina....	100 »
Brava.....	12 »
Santo Antão....	220 »
S. Nicolau.....	14 »

Enquanto estes 416 hectares, abundantemente regados, nem davam o açúcar necessário á provincia de Cabo Verde, nem uma produção em milho superior a 3:600 toneladas se a tal cultura fôsem entregues, davam apenas aguardente, que é para a população um veneno a que se juntam os

tanto quanto possível com o acôrdo da agricultura produtora, sob pena de se enveredar pelo caminho que mais convem á Republica que é satisfazer o maior numero, passar-se-ia ao aproveitamento dos caudais das ribeiras que hoje vão para o mar, em grossas quantidades, sem nada produzir. Quem conheça o arquipelago de Cabo Verde, como nós o conhecemos, sabe, que na ilha Brava, na ilha do Fôgo, na de Santo Iago e na de Santo Antão, seria possível dobrar a area de regadios, elevando por meios mecanicos os caudais necessarios ao estabelecimento de novos regadios, quasi todos situados não longe dos alvéos das mais importantes e alcantiladas ribeiras, mas aonde a agricultura arcaica, e a sciencia difusa de muito funcionamento nefelibata, nunca chegaram, mas

das extensões do Campo; pelo facto da economia e da brevidade, condenamos ter-se feito na ilha do Fôgo a extensa canalisação que hoje abastece a Vila de S. Filipe, deixando para traz o bombeamento e a distribuição para rega, das abundantes aguas da Praia do Ladrão. Propuzemos ainda na ilha de Santo Iago o bombeamento das aguas do fundo alvéo da Ribeira dos Orgãos, para as amplas margens onde a seca se faz sentir, o mesmo sendo de aconselhar para as Ribeiras de Pedra Badejo e da Prata, na mesma ilha. Finalmente, na ilha de Santo Antão, a ilha mais rica em aguas, ainda mesmo na extensa e arida costa sul, só podiamos ver aproveitados largos tratos de terrenos, bombeando as aguas dos estreitos e profundos alvéos das ribeiras, para as margens, cuja extensão nenhuma agua banhariá abundantemente, tal é a sua vastidão só diminuída pela enormidade de calhaus rolados que atestam a falta de arborisação. Isto feito, ao mesmo tempo que se impermeabilissem as atuais levadas condutoras das aguas de rega, nunha num caminho de adequada solução, o alto problema que tantos ançiam por ver cabalmente resolvido e por isso esperam, enquanto os politicos numa acrobacia revoltan-



S. VICENTE— Estação Teteografica do Cabo Submarino

alcoolicos vinhos da Metropole e outros tantos elixires mortiferos, enquanto o Governo da provincia estava a braços com a solução de uma crise parcial de subsistencias, que é sempre seguida de milhares de mortes á fome. Mas bem; prova-se pelo que afirmamos, sem outro espirito que não seja o de absoluta justiça que nos anima, que a provincia de Cabo Verde, possui além de um avultado numero de plantas capazes de pelas suas produções atenuar ou mesmo evitar as fomes, uma série de terrenos regados que produzem além de outros generos necessarios á população, uns de que é conveniente não permitir o fabrico, acordando com a população a quem cabe o papel de dirigente a necessidade de praticar culturas que não sendo de menos vantagem aos interesses privados da agricultura, fossem tanto quanto possível, de manifesto interesse para o Governo da Provincia, como natural protector das classes trabalhadoras, a cujos braços pertence a defesa do que é a terra da Patria.

Se se caminhásse decididamente por este caminho de resolver dificuldades,

é uma verdade que essa mesma agricultura a saberia aproveitar, desde que lha puzessem á mão. E este assunto, de pôr a mecanica á mão da agricultura caboverdeana nos parece tarefa facil, não só pela queda acentuada dos naturais por esta arte tão predilecta dos portuguezes, mas ainda porque a propria provincia pôde produzir oleos vegetais de seguro emprego nos motores a oleos pesados, muito mais simples e muito mais facéis de manejar que os motores a gasolina. E todavia, quem estudar com olhos de ver, este importante problema, deixando para traz a sua pessoa e pondo só o bom senso a favor da causa, rapidamente vê que o que Cabo Verde precisa é de aproveitar, tao depressa quanto possível, a maior massa de agua em pról da agricultura produtora de alimentos, e sendo assim, teremos que deixar tanto os mirabolantes projectos, como os medianos e caros e de efeitos demorados. Foi exactamente com este fim, que nós propuzemos em tempos, irrigar com os 750 metros cubicos diarios do Torno a 350 de altura, a capital da ilha Brava e as lin-

Quando as febres palustres deixam de obedecer ao quinino, deve empregar-se a «Paludina», que dá excellentes resultados nas febres palustres-biliosas e perniciosas. Pedir instruções a «Sanitas»—T. Carmo, 1—Lisboa.

te tratam apenas de si e esquecem a miseria que as fomes geram no seio de familias das mais dignas, das mais austeras e das mais portuguezmente caboverdeanas, que não perdão, muito justamente, não se pensar nas épocas de fartura em resolver atenuar os desastrosos periodos de falta de subsistencias.

Cabo Verde, efectivamente merece que se trate dele a valer; é tão civilisado, tão trabalhador, tão ordeiro, como a mais avançada provincia do Continente, e, se aqui nunca ninguém morreu de fome, mal parece que ali se tenha morrido, ou venha a morrer. E, se é verdade que a fome é má conselheira, muito mais certo é justificadíssimo que em casa onde a fome entra pela porta, sai a vergonha pela janela, e contudo, nós nunca vimos que nenhum culpado, alguma vez tivesse fugido pela janela.

A. Xavier da Fonseca.

Eng.º Civil

Seromenho, Silveira & Carvalho, L.^{DA}

Codes: A. B. C. 5.eme Edition et BENTLEY'S

Especialidade em conservas de peixe
Fabricas nos melhores sitios de pesca
Fabricações esmeradas

Calçada de S. Francisco, 23, 2.º
LISBONNE

Especialité en conserves de poissons
Usines sus les lieux de pesche
Qualité choisée

Telegramas: SOSICAR—LISBONNF

Specility preserved fish
Factories on the best fishing spot
Highest ibnety

HUMBE E ROACANÁ

ENERGIA HIDRAULICA

O interessante artigo do meu camarada o tenente-coronel Sousa e Silva, inserto na revista «D'Aquem e D'Além Mar», bem verdadeiro em muitos pontos, mas um tanto ou quanto pessimista, levou-me a apresentar algumas considerações acerca do Humbe e do Roacaná, que percorri em toda a sua região mais pujante e acidentada, mas ainda assim em menos de metade do seu vasto comprimento, de muito mais ~~antes~~ ^{antes} de 1.000 quilómetros de fronteira. Visitei o Humbe em 1914, 1916 e 1920. Da primeira vez dava-me a ideia de uma povoação em principio de formação e prosperidade, com umas 9 grandes lojas de comércio com o indigena, predominando as do sr. Serafim de Figueiredo, do sr. Machado, do sr. Antonio de Almeida, e ainda outra cujo nome do proprietario me não recorda. Em torno da povoação de brancos que era dominada de um lado pelo forte de terra, com as suas casas interiores, e do outro pela Capitania Mór, viam-se bastantes palhotas indigenas, e em toda a parte um grande movimento de chegada e partida de caravanas de pretos, de camelos, e de carros boers, indo e voltando do interior, quer para o lado do Cafú, quer para o Cuamato. A impressão que me causou, e com os estrangeiros que me acompanhavam, em 1914 foi das melhores, e tanto que um deles me disse admirar-se por julgar que ia encontrar tudo em pleno estado selvagem, e pelo contrario via um florescente principio de civilização. Entretanto sobreveio a guerra mundial, a guerra com os indigenas, e com os alemães da Damara, e quando em 1916 por lá passei, a minha impressão de tristeza, foi enorme, e o quadro que encontrei ali foi exactamente o descrito pelo meu presado camarada, que sei ter sido um dos que nesse mesmo ano foi dos primeiros a prover contra o cahos em que a guerra tinha deixado tudo, todas as casas saqueadas e incendiadas, e todas as palhotas destruidas; por essa ocasião eu e os meus companheiros fizemos o nosso acampamento dentro das ruinas da igreja da missão, e junto a uns bahobats dos quaes pendiam esqueletos de pretos enforcados com arame farpado!

Foi ali o «terminus» da nossa marcha «macabra» desde o Lubango, em que por todo o caminho encontrámos

esqueletos e cãveiras de indigenas, camins e armões de peças de artilharia partidos, e carros boers queimados, ou sem rodas e muitos esqueletos de bois e cavalos. Quando nesse mesmo ano voltámos do Roacaná já o comandante do Humbe tinha feito regressar do mato a povoação cêrca de 6.000 indigenas e continuava a limpeza do terreno e das casas, que o articulista tão proficuamente começou.

Mas quando em 1920, de novo por ali passei, a minha impressão foi das melhores, pois o capitão mór, um distincto official que bisarramente nos recebeu, tinha modificado completamente a povoação, que se encontrava novamente arruada, com casas novas, quasi com o mesmo numero de lojas que em 1914, com cisternas para agua da chuva, e com um novo edificio da Capitania Mór, para o qual aproveitou as ruinas da antiga igreja, tendo varios e bem divididos compartimentos, e sendo os vãos feitos de madeiras de magnifica apparencia, tiradas das matas das margens do Cunene, a Sul do Forte Roçadas, no terreno do Soba Pandenken. Os pretos que tinham voltado eram já ao tempo mais de 16.000, e não tivemos dificuldades em recrutar ali bons indigenas, que bastante serviço nos fizeram para sul. A esse tempo já os arimos eram vastos, e bem tratados junto ao rio, e sobretudo na Missão dos Padres do Espirito Santo, não muito longe que já então era como que um principio de jardim agricola, no qual se ensaiavam as espécies que melhor se podiam dar na região.

Percorri em 1914 todo o planalto até ao Humbe, acompanhado de um agronomo estrangeiro muito instruido; a sua impressão depois de ter observado todos os terrenos foi, que a região era de primeira ordem, e que para a sua produção ser maxima, e em vista da secura temporaria, a unica coisa que faltava eram as albufeiras, para conter aguas das chuvas afim de serem empregadas em tempo seco. Percorri igualmente as margens do Cunene desde montante de Capelongo á fronteira: os terrenos foram considerados magnificos para arrosaes, cana sacarina, e algodão com muito pequena despeza.

Quanto ás quedas do rio Cunene, para jusante e Cataratas do Roacaná o articulista não admira que não tivesse do serviço ali feito conhecimento

algun; e por isso ignorava que já em 1914 a vasão tinha sido começada a medir, e a margem direita do rio tinha sido toda itinerariamente levantada com grande precisão e visitadas todas as quedas.

Em 1916, eu e os meus companheiros encontrámos feita pelos boers, uma estrada de carros até ao rio Mabanda, no Quá-Na-guati, mas já em 1920 encontrámos a estrada a que o articulista se refere, e o posto do Roacaná, não concluido e mal guarnecido, com uma pequena horta junto a ele, e alguns soldados angolas. O sargento comandante estava bastante mal, com febres, e quem mandava em tudo era a sua preta, uma virago bem pouco propria para dar prestigio a um posto de tropas portuguezas, o que infelizmente fez bastante má impressão aos estrangeiros que então me acompanhavam, que eram nem mais nem menos que engenheiros chefes de serviços hydraulicos e de agrimensura da União Sud Africana.

A região das quedas, num percurso fluvial de 63 quilometros entre a parte montante do rapido Kazambue, e a de jusante do Roacaná foi levantada durante 3 anos por mim e meus companheiros. Em 1914, fez-se o indicado itinerario pela margem direita, na ida e na volta, como já ficou dito. Em 1916 fizeram-se observações astronomicas, e as coordenadas do Roacaná, Iacavala e Ximbumbi-Mabanda, e em ligação com elas um serviço itinerario e barometrico e ipsometrico, muito repetido e cuidadoso, com todas as correcções, dando uma diferença total de nível entre os extremos das quedas de 307 metros e fez-se o levantamento tacheometrico das trez quedas indicadas. Em 1920 juntámos a estes, dados as coordenadas da margem esquerda do Roacaná, e as de Naulila, e mais um novo itinerario bem rigoroso de ida e volta por essa margem. Daí seguimos pelo Kuamato a Kuanhama e Namacundé, onde se fez por todo o percurso serviço identico.

Fizemos tambem em 1914 o itinerario fluvial do Cunene entre Forte Roçadas e Kasambue, e em 1920 as coordenadas de Forte Roçadas, Cafú e itinerario fluvial de Cafú ao Roçadas.

Destes estudos proveio o ante-projecto do aproveitamento da energia electrica, que fiz nas horas vagas, e cujo resumo é o seguinte, dividindo a vasão do rio em duas partes iguaes, sen-

do uma para seguir para a lagua Etocha na Damara, como acontece todos os anos. A velocidade da corrente do rio foi medida nos trez anos em frente do Forte Roçadas com fluctuadores,

e medidas secções varias do rio, tirando de tudo as médias, no limite da estiagem. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Maxima vasão do Cunene em Março.	421 ^{m³}	por segundo (metade segue para a Etocha)
Minima vasão em Setembro.....	7 ^{m³}	» » »
Rapidos Kasambue. altura	11,2	energia maxima 15:730 C V empregando represa
» Iacavala..... »	32,22	» 61:952 » » »
» Calenda..... »	19, »	» 37:800 » » »
» Ximbi-Mabanda »	23,40 »	» 50:887 » » »
» Ximbundi..... »	20,00 »	» 33:504 » » »
» Matanda..... »	37, »	» 57:885 » » »
» Roaçana..... »	122, »	» 87:822 » (igual energia deve ir para a parte ingleza por ser na fronteira).

Total.....	263,84 ^m	344:897 C V
Altura total das represas.....	42,60	
Diferença de nível.....	307,44 ^m	

Força motriz minima na estiagem = 28:000 C V.

Esta energia total pode conservar-se

mais de metade do ano até 171:276 CV e só na estiagem é que vai diminuindo da seguinte maneira:

Em Novembro e Julho passa a	85:204 C V
Em Julho e Outubro »	55:410 »
Em Agosto »	36:635 »
Em Setembro »	27:885 » minima o que é ainda uma rasoavel potencial unicamente para um mês.

Por aqui se vê o grande valor destas quedas, que embora necessitem represas custosas ainda assim pelo orçamento que fixa, nos parecem remuneradas para as muitas industrias a montar na região, na qual a par das gramineas, dos Bahobats, dos terrenos para cana, sacarina, arroz, linho, algodão, cereaes e legumes, que precisam elevação de aguas do rio por ele-

ctricidade e canaes de irrigação, teremos os lactinios resultado das grandes creações de gados, as fabricas de pasta de papel, de carbureto, as fundições e metalurgias de ferro, das minas da Kihita, Gambos, Colufinda, etc., a serração de madeiras das matas de Nonquenho, Pandenjken, etc., a tanaagem de coiros, as oficinas varias, o descarreamento do algodão, emfim,

tantas e tantas outras derivadas das especulações agricolas, pecuarias e industriais, que se podem desenvolver nesta fertil região, sem entrar em linha de conta com a natural electrificação do caminho de ferro local.

Mas para que isto se possa fazer com segurança e dentro da autonomia portugueza, é preciso cuidado e muito cuidado, sobretudo com a escolha de dirigentes não só do governo, como das companhias a formar, e uma rigorosa fiscalisação continuada, como sei o governo já ter ordenado na entrada de estrangeiros, e sobretudo o policiamento da fronteira sul, por onde dizem muitos estarem entrando actualmente, sendo muito difficil pela sua extensão policial-a por completo. Igualmente é necessario todo o cuidado com a influencia que os estrangeiros sobre tudo alemães possam ter, sobre os indigenas kuanhamas, cuja lingua falam, e que por missionarios alemães tem sido educados de ha 20 anos a esta parte.

De resto, está a provincia entregue a um homem inteligente, energico e seriissimo, o alto comissario o sr. Rego Chaves, que em breve por certo porá cõbro a qualquer irregularidade de policiamento que no sul de Angola presentemente possa ainda haver.

Lisboa, 23 de setembro de 1924.

Carlos Roma Machado

SOUSA MACHADO & C.^A

SEDE EM LOANDA

ANGOLA--CABO VERDE--GUINÉ--LISBOA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

:: PRODUTOS COLONIAIS ::

:: CEREAIS DE ANGOLA ::

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Representantes privativos na Africa Ocidental Portuguesa da:

FORD MOTOR COMPANY

E. U. A.

Representação e Importação exclusiva de carros de turismo, camionetes, tractores FORDSON, accessorios e sobressalentes

:: FILIAL EM LISBOA ::

RUA GARRETT, 62, 2.^o

FILIAIS NO:

LOBITO
HUAMBO

END. TELEGRAFICOS:

PARA ANGOLA--SOMA
PARA LISBOA--SEGUE



Angola

Contribuição para o estudo do clima do planalto de Angola sobre o ponto de vista meteorológico e medico

(Continuação)

Zona intermedia.—O clima desta região é nas suas características intermediária ao do planalto e ao tropical; nem tão seco nem de temperaturas tão baixas como o primeiro no tempo do cacimbo, nem tão quente nem tão humido como o segundo. Nos socacos de 800 a 1.000 metros de altitude a estação seca é agradável e compatível com o trabalho do branco, sendo-o também nas horas de menor calor, de manhã e à tarde, na estação quente. Ao contrário do que alguns supõem a *zona intermedia* em muitos pontos presta-se á exploração agricola, e eu estou convencido pelo que observei que regiões, como a do Bocoio, serão num futuro não muito recuado, outras tantas colonias de exploração que, quando bem orientadas, remunerarão condignamente os capitães que nelas se empregarem. Não lhes falta a agua potavel, boa e abundante, e nos mezes de cacimbo a humidade, que de noite se depõe na terra e nos vegetaes pela condensação do vapor d'agua, é uma compensação á secura da estação.

O clima da *zona baixa* é acentuadamente tropical, caracterizado por uma elevada temperatura que sofre fracas oscilações, mensais e mesmo diarias com uma tensão de vapor de agua também elevada, que dá a impressão de se estar mergulhado num banho de vapor quente. Basta a constancia destes dois elementos, temperatura e humidade elevadas, para criar ao europeu a anemia tropical que impede a sua aclimação, visto que a tensão do vapor d'agua que, como se sabe, entra na composição da columna barometrica, abaixa a tensão propria do ar seco e a torna insufficiente para a absorção do oxigenio do ar pelos pulmões (1). São climas em que o europeu se não deve demorar, entreando os estadios com visitas aos planaltos salubres.

Zonas norte e centro.—(Maritimas)—Estas zonas na sua essencia são de um clima sub-tropical, mais toleravel pelo europeu em consequencia da sua temperatura um pouco mais baixa que da zona anterior, mercê da sua situação á beira-mar e da briza que constantemente as refresca; mas não tanto que pela sua elevada tensão de vapor constante, sobretudo na estação quente, se não oponha á permanencia neles durante muito tempo dos organismos sobretudo fracos como o da mulher e da creança. Loanda, que sob este ponto de vista é uma das terras do litoral mais favorecida, diga-se o que se disser, será sempre um clima sub-tropical. Poderá a sciencia melhorar as suas condições de habitação, fazendo desaparecer dela o paludismo; o que ela não pôde evitar é que a sua temperatura, tensão de vapor e mais condi-

ções meteoricas sejam o que são, e ahi é que está o mal, mal inevitavel.

A quinta zona.—Tem um clima frio e humido. Os ventos constantes frescos do S. W. e a corrente fria do Gulf Stream que banha as suas costas são as causas da sua temperatura relativamente baixa, sobre tudo na estação do cacimbo; mas a sua elevada tensão do vapor d'agua fazem com que o clima seja excessivamente humido, humidade que, sobre tudo na estação do cacimbo, torna o clima muito desagradavel para os organismos nervosos delicados e para os atreitos a inflamações broncho-pulmonares. Não quero tirar a Mossamedes os foros que lhe deram de sanatorio; mas para o paludismo. Para os invalidos do pulmão não é com certeza um clima para aconselhar. Todas estas considerações são applicaveis com maior razão ao Porto Alexandre e sobre tudo á Bahia dos Tigres.

Falarei agora do clima dos planaltos.

No mapa A eu dispuz as terras por ordem decrescente do seu valor climatico e assim considero como pontos mais saudaveis dos planaltos:

1.^o—O *planalto da Humpata do planalto sul*, verdadeiro sanatorio cujos elementos meteorologicos são de um valor climatico para mim superior aos de Lisboa, visto que a sua tensão do vapor é inferior á desta Cidade e as suas medidas anuaes de temperatura são iguaes. Acrescente-se que neste planalto, e pôde dizer-se também no medio, as oscilações barometricas são minimas, de 2 milímetros e a hora certa; que a chuva cai também a horas certas, rarissimas vezes das dez horas e ver-se-ha que a afirmação da sua superioridade não é um exagero.

Pelo estudo do mapa se pôde vêr que tanto neste planalto como no medio o clima pôde ser caracterizado assim: temperatura regular (19 graus), tensão de vapor baixa (8,5 milim.), fracção de saturação regular (51 %) e chuvas suficientes (1.000 milim.). Acrescente-se a estes elementos o poder afirmar-se que na estação seca, que vai de Maio a Outubro, é rara a hora do dia em que o sol se não mostra desde que se levanta até ao seu occaso, e em que o céu tanto de dia como de noite não seja limpo, sem nuvens. Acrescente-se também que durante esta estação, apesar do sol ser mais quente do que nas regiões baixas do litoral, nunca o europeu precisa abrigar-se dos seus raios porque a aragem fresca que corre, impede que se sinta o seu andôr; e durante a estação chuvosa, de temperatura mais elevada, o calor é atenuado pela chuva que refresca sempre o ambiente, baixando-a de 1 a 2 graus. Eu que durante 3 anos fiz a cavallo uma media semanal de 130 kilometros nunca precisei abrir um chapéu de sol; em compensação não havia chapéu de chuva que nalguns dias resistisse na estação das gran-

(1) Dr. Treille. L'acclimatation des européens dans les pays chauds pag. 49

des chuvas (Fevereiro, Março e Abril), visto que nesta época ela cai ás bategas por vezes formidaveis. Diga-se ainda que a fraca pressão atmosférica, consequencia da elevação do terreno, associada á fraca tensão do vapor de agua, fazem com que nos sintamos, mais leves, respiremos melhor e mais fundo, dando-nos uma sensação agradável de bem-estar, sobretudo quando gastamos pouco tempo na passagem da zona baixa para a planaltica, parecendo que alguma coisa de pesado deixou de oprimir nos.

De tudo o que desordenadamente acabo de expôr se conclue que o clima dos planaltos sul e medio é um clima *temperado e seco*, em que a raça branca encontra todas as condições mesologicas para prosperar, nada perdendo das suas energias ancestraes; tonificante e regenerador para os que, anemiados e enfraquecidos pelo clima do litoral, procuram a sua benéfica altitude.

O elemento meteorologico que o caracteriza é a sua baixa tensão de vapor, visto que em alguns pontos de litoral se encontram temperaturas iguais, se não inferiores, ás do planalto.

Tem-se prestado mais atenção e dado mais valor para a caracterisação dos climas á humidade relativa do que á tensão do vapor. Ora a verdade é que, o que tem verdadeira influencia nos organismos é a tensão de vapor, que sempre acompanha a temperatura, conservando-se-lhe paralela, o que nem sempre acontece á humidade relativa. Que a tensão de vapor de agua é elemento mais a considerar do que a humidade relativa para aclimação do europeu nos climas tropicaes basta recordar-se quem neles tenha estado, do torpôr que de nós se apodera ás horas de maior calor em que a transpiração é abundantissima e o mal-estar é grande. Ora a verdade é que

é a essa hora, das 12 ás 15, que a tensão do vapor d'agua tem o seu maximo que coincide muitas vezes com um minimo de humidade relativa.

Tem-se argumentado contra os climas dos planaltos com a variação da temperatura que em regra é maior do que no litoral, dando no nictemero differenças de 18 a 20 graus. Assim é; mas não é isso uma razão para considerar o clima mau, porque é essa a característica dos climas de todos os planaltos; e para mim são essas variações que tornam o clima semelhante ao europeu, onde nalguns pontos elas são tambem grandes. De resto a observação deu-me isto: Que nos planaltos medio e Sul em regra a temperatura conserva-se quasi constante desde as 9 horas até ao pôr do sol, começando então a baixar até atingir a minima das 3 para as 4 horas. Percebe-se que assim seja, porque os planaltos têm um enorme poder radiante, sobre tudo durante a noite na estação seca, em que o ar resfia consideravelmente. E isto, que para os valetudinarios é um mal, evita-se recolhendo cedo a casa, onde a variação termometrica é em regra pequena, quasi sempre inferior a 5 graus.

Como todos sabem é a constancia duma temperatura elevada, ou muito baixa, que perturba o bom funcionamento dos nossos órgãos, produzindo nos climas quentes a congestão das visceras abdominaes e nos climas muito frios conserva os órgãos da cavidade toraxica num constante estado irritativo, que pôde ir desde a congestão até á inflamação. São os mais saudaveis os climas em que se dá o fenomeno contrario, isto é, aqueles em que as altas e as baixas temperaturas sem exagero se alternam, como nas regiões temperadas da Europa e no planalto central e sul da provincia de Angola.

(Continúa)

P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:

LOCOMOTIVAS, ZORRAS AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | *Koppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*
| *Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.³*

Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e côres
Murais «Murite», preservativos de madeiras em
variadas côres, telhas e chapas de asbestos, etc.,
das melhores marcas.

Secção de Madeiras

Possuimos em armazem, para entrega imediata,
madeiras da Provincia das melhores qualidades, em
pranchões, barrotes e taboas, assim como travessas
para caminhos de ferro, paus para minas, etc.

Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de
productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira,
Copra, Amendoim, etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo-
metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobilias,
Portas, Janelas, Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400
| Estancia 493

LOURENÇO MARQUES

COLONIAS DE POPULAÇÃO

Feitoria Portuguesa no Reino de Siam

NÃO andaremos longe da verdade, afirmando que em Portugal, muita gente ignora que possuímos em Bangkok, desde 1786, territórios oferecidos por S. M. Magnífica, o Rei de Siam.

Não tendo a principio limites delimitados, esta nossa possessão occupa uma parte da margem esquerda do rio Menam-Chow-Phry, fixando-se hoje a sua área, de norte a sul, em 114 metros de um lado e 122 de outro; e de largura, ao norte 88 metros e no extremo sul 106.

Em 1833, quando a superficie da concessão portugueza era muito maior, foi nomeado nosso consul, um tal Marcelino de Araujo Rosa, natural de Macau, que, tendo em pouca conta os bens nacionaes, dispôz de uma parte d'elles a favor de uma mulher siamesa, com quem viveu!

Tendo esta contrahido uma divida ao jogo, diz-se, que a não podendo satisfazer, hipotecara por 90 «dollars» a missão americana os terrenos que lhe não pertenciam, os quaes nunca mais foram restituídos. E' a nossa possessão de Bangkok, na reduzida área a que hoje se restringe, e que fica situada a 26 milhas da capital do reino, que foi dado o nome de Feitoria Portuguesa.

Durante muito tempo esteve ella sob a dependencia do governo de Macau, que nomeava para Bangkok os consules, até que em 1887, passando a ser de carreira o consulado, o Ministerio dos Negocios Estrangeiros começou a ter directa ingerencia.

A feitoria é em terreno baixo, e a principio constava de uma casita de olas, coberta com folhas de coqueiro. Estabeleceram-se ali algumas docas, que produziam um pequeno rendimento.

Em 1859 começaram a ser atugados os terrenos da feitoria a subditos estrangeiros, que foram construindo casas e armazens, passando tudo a ser propriedade do Estado, findos os arrendamentos.

Os consules, com os pequenos rendimentos de que dispunham, edificaram a residencia e uma cadeia consular, continuando a arrendar a maior parte dos terrenos a negociantes europeus. Estes terrenos, divididos em lotes, rendem aproximadamente 18.000 ticaes, mais de 1.000 libras.

Os interesses portuguezes no Siam

e a importancia económica e politica da feitoria, fizeram com que o consul geral fosse elevado á categoria de Encarregado de Negocios.

Lamentavel foi que, durante tão longos anos, descurassemos o valor da generosa concessão do rei siamez e tão pouco tenhamos sabido aproveitar a influencia que ali tivemos, como nenhum outro povo da Europa.

A carta autografa de 28 de Dezembro de 1876, em que a el-rei de Portugal era oferecido o terreno para que subditos portuguezes podessem construir uma igreja, terem o seu culto e os seus sacerdotes, é um documento que prova bem essa influencia, que não quizemos fructificar. E, todavia, a colonia portugueza, por todo o reino de Siam é consideravel, sob qualquer aspecto; mas vive muito fraccionada, havendo necessidade de coligar todos os seus esforços no interesse proprio e no do nosso Paiz.

Não é difficil tarefa.

Ainda ha poucos mezes, a chegada dos aviadores a Bangkok fez reunir e vibrar o coração de tantos portuguezes que trabalham ali isoladamente, nunca se esquecendo, porém, da Mãe Pátria, á vista de tanta recordação que permanentemente lhes retrata o nosso passado.

Pois não fomos nós os primeiros que do Occidente ali fomos e auxiliámos os siamezes nas guerras em que andaram empenhados contra o rei de Pegú e contra os burmezese?

As fortalezas á entrada do rio Menam-Chow-Phry construidas por nós e reformadas posteriormente, lá estão a atestalo. Afirmam até alguns escriptores estrangeiros que o nome de Siam fôra dado ao reino pelos portuguezes, porque o seu verdadeiro nome era Muang-Thae, *paiz dos homens livres*. Ao passo que Siam proviria de Sajam, *raça escura*.

As numerosas expedições que foram a Siam, os comerciantes e aventureiros portuguezes que ali se estabeleceram é que deram origem a numerosas familias que se constituiram, deixando descendencia que ainda hoje existe.

Sentiram estes portuguezes a benéfica influencia dos missionarios seus compatriotas, que acudiam ao seu chamamento, idos de Macau, para fundarem a primeira igreja catolica e confraria de Nossa Senhora do

Rosario, mas, os missionarios portuguezes foram substituidos por religiosos francezes e, assim se perdeu o melhor vehiculo que trazia tão solidamente reunida a comunidade portugueza de Siam, ora dispersa, e que lhe sabia imprimir um cunho nacional, a par de outras comunidades dirigidas espiritualmente por missionarios estrangeiros.

Faz pena realmente pensar e vêr que o dominio que as congregações estrangeiras tem em todo o reino de Siam podfa estar nas mãos dos nossos padres.

A antiga igreja portugueza foi destruida por incendio e em seu lugar, um novo templo, magnifico e grandioso, foi levantado, principalmente com o subsidio do governo francez!

Haveria meio de, por qualquer forma, estimular o animo de todos os colonos portuguezes, unil-os por vinculos de interesses comuns e despertar-lhes o sentimento patriótico, mostrando-lhe a importancia da colonia, compenetrados todos de que unidos, serão uma força?

Sem duvida que alguma coisa ainda é dado fazer n'este sentido, desde que o Governo Portuguez, principalmente, esteja na disposição de actuar. Os consules portuguezes de Bangkok quando provem bem, não devem ser afastados dos seus logares, seja qual fôr a razão, antes de um longo periodo de permanencia em que possam ter conhecimento absoluto do que interessa a Portugal e aos seus subditos n'aquelas paragens.

Se o clima não é bom, dê-se-lhes qualquer compensação vantajosa e obrigue-se o funcionario a ir retemperar-se a um paiz, onde o clima seja melhor. Faça-se com que o porto seja visitado, de vez em quando, por um navio da nossa nacionalidade e permita-se que junto do consulado funcione uma escola, onde a nossa lingua possa ser ensinada. Esta escola deveria ser, de preferencia, entregue a um missionario portuguez.

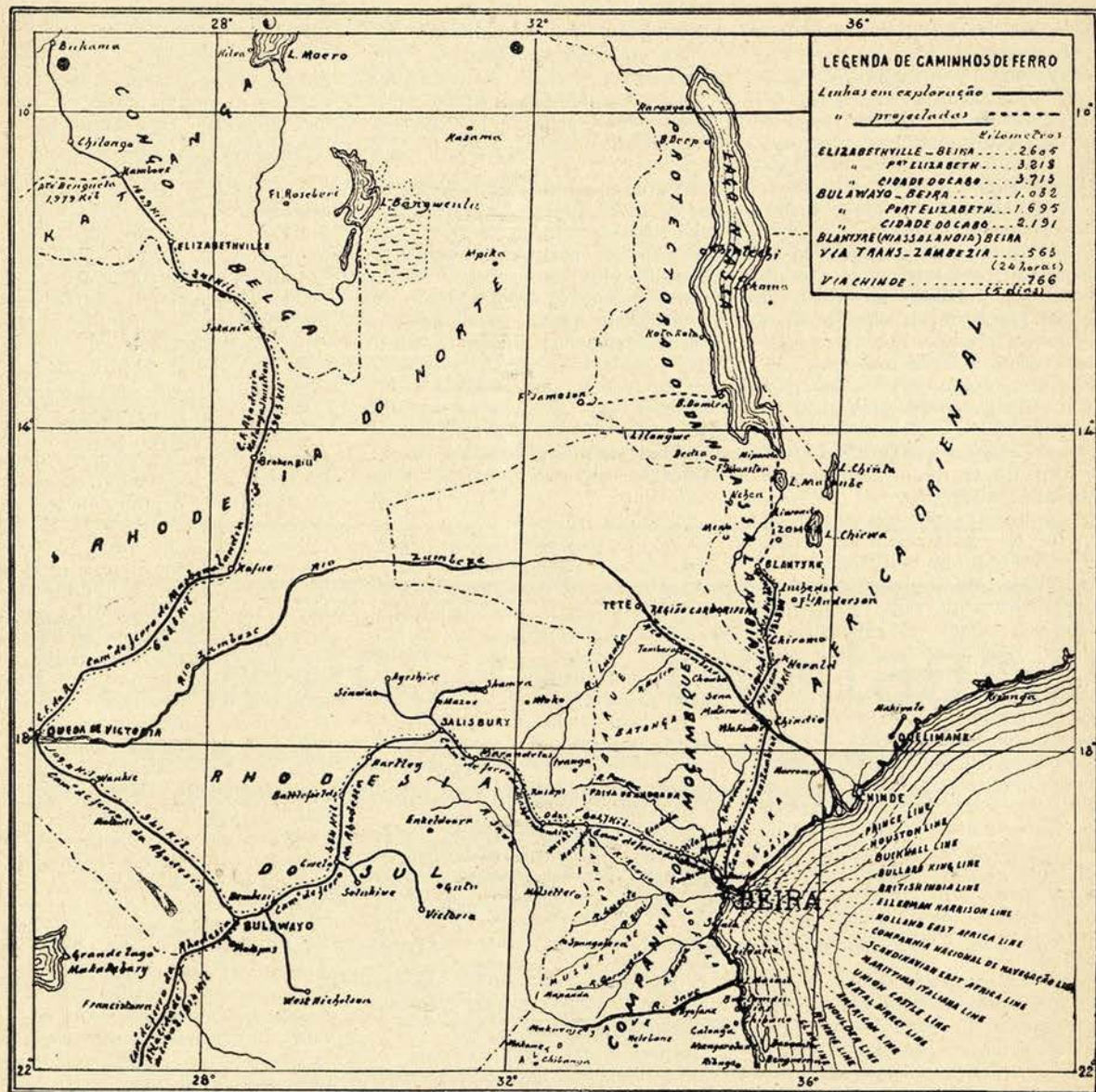
Viriamos, então, como até o nosso commercio metropolitano lucraria com tão acertadas medidas; pois julgamos desnecessario encarecer os productos que de lá poderiamos directamente importar. E os nossos vinhos e conservas fariam boa concorrencia aos qua ali são collocados por outros paizes europeus.

ARTUR TAMAGNINI

Companhia de Moçambique

Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territorios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalandia e vale do Zambeze



Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental



Macau

AS OBRAS DO PORTO

NO numero specimen com que foi iniciada a publicação d'esta «Gazeta» e, depois, em outros successivos, mereceu a questão das obras do porto de Macau detalhadas referencias, todas reveladoras de preciosos conhecimen-

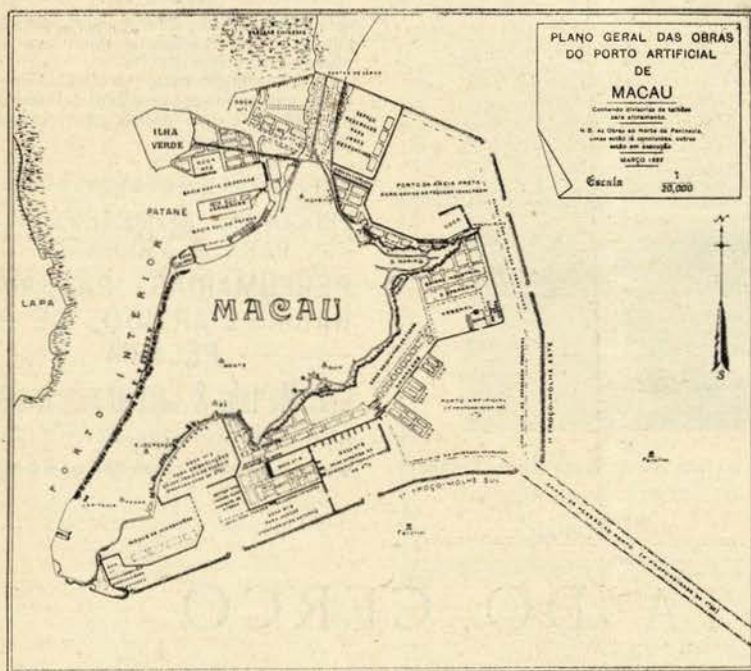
possibilidade de uma mais animadora recolla de beneficios das obras em realisação e nas quaes está empregando o melhor dos seus recursos monetarios.

Inicialmente queremos acentuar serem justamente merecidos todos os louvores

cau, a realisação das obras do porto, a persistente acção continuadora posta no caso pelos seus successores os srs. Aitor Tamagnini Barbosa e Henrique Correia da Silva, á boa legislação que, promulgada quando ministro, pelo nosso amigo dedicado sr. João Tamagnini e posteriormente amplada com disposições suggeridas pelo referido sr. Correia da Silva, tem regulado o funcionamento do organismo executor d'aquellas obras, e, por fim, aos estudos e demais trabalhos devidos ao seu actual director o sr. vice-almirante Hugo de Lacerda, e aos valiosos auxiliares de que se soube cercar.

As afirmações unanimemente feitas no decurso da discussão, não só quanto á necessidade da progressiva ampliação da competencia local para o bom andamento das obras até sua completa conclusão, mas ainda relativamente á inconveniencia de subordinação, do criterio de execução e exploração das mesmas, ao parecer de entidades extranhas aos interesses da colonia e, tambem, no respeitante á adopção de qualquer outro sistema de administração do porto que não seja o da sua entrega a uma *Junta Autonoma*, não podem deixar de calar bem no animo d'aquelles que, como nós, pretendem prestar um serviço a Macau sem o esquecimento das vantagens que d'ele pode e deve recolher a Colonia e das precauções que o Estado deve tomar em prevenção contra empresas que são de admitir.

A limitação, por agora, das funcções a atribuir ao porto sem a exclusão da previsão do seu futuro desenvolvimento, que os referidos estudos encaram e que está na dependencia do resultado de entendimentos internacionais a realizar, encontrou tambem unanimidade de vistas na discussão aqui feita sendo de recomendar que tal desenvolvimento não seja prejudicado pela protelação das necessarias negociações, a



tos cuja difusão se impunha pela importancia e actualidade do assunto

A exteriorisação da satisfação que em nós causaram o ponderado criterio e a elevação da forma por que foi conduzida a discussão de tão momentoso problema, desejamos agora aliar o publico testemunho do nosso reconhecimento, aos distinctos colonias que n'ela intervieram, dando-lhe o realce que bem merecia, pela maneira atenciosa como escutaram as nossas solicitações, emprestando-nos uma colaboração com a qual muito honrados nos sentimos.

O excepcional interesse que as opiniões expostas despertaram nos meios em que foram apreciadas e, especialmente, em Macau, entre compatriotas e extranhos que fundamente ambicionam o progresso e engrandecimento da Colonia, justifica estas palavras mais, escriptas na intenção de ser dado o devido destaque ás conclusões logicamente deduzidas da discussão do assumpto, pela forma porque o foi, e aos cuidados que ele reclama das estações officias competentes e dos poderes do Estado afim de ser creada, para aquele nosso torrão precioso do Extremo-Oriente, a

dispensados á iniciativa do malgrado co-nandante Carlos da Maia enfrentando corajosamente, quando governador de Má-



Extremo Este da bacia Sul do Patane, vendo-se o pontão de ligação com o travez

menos que esta, como em parte succede no actual momento, encontre justificação.

Nas citadas negociações deve-se pugnar para que a Macau sejam asseguradas todas as possibilidades de dar plena satisfação ás suas aspirações mais legitimadas, como são as de ver efectivadas, por obras como aquelas a que estamos aludindo, os seus desejos de crear as possiveis condições estaveis de vida propria e da mais conveniente vida de relações para ser util ás regiões visinbas n'um perfeito entendimento com os respectivos governos e interesses mais geraes.

Só assim recolherá a Colonia os maximos beneficios do esforço que está fazendo com a realisação das obras em questão, pois que de tal sorte se facilitará o resurgir das passadas prosperidades do commercio e industrias locais e os seus posteriores desenvolvimentos progressivos, na hypothe-se, que bem desejamos seja sempre realidade, de não faltarem os justos auxilios ás iniciativas que n'ela se manifestem, nem na Metropole os seus reflexos ainda que



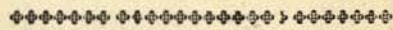
Draga «Rotterdam» no Patane, impelindo productos de dragagem para o aterro da Areia Preta



Aspecto dos molhes das estancias de madeira, no lado Sul da bacia Sul do Patane

seja á custa d'um proteccionismo, que advogamos, á navegação nacional que ligue Macau com a Mãe-Patria.

Eis, resumidamente, as considerações que o caso nos sugere e aqui deixamos expressas para que sobre ela recaiam as atenções devidas.



PROCURAM REPRESENTANTES
— PARA A VENDA DE —
PERFUMARIAS, PASSAMA-
NARIAS E ARTIGOS DE PA-
— — — PELARIA — — —

Cruz Marinho & Castanheira, Limitada
RUA GOMES FREIRE, 87-1.º—LISBOA



A PORTA DO CERCO

No limite norte da península de Macau e ligando-se á ilha de Hian-chan, existe um istmo de quinhentos e quarenta metros de comprimento, ao fim do qual se levantava dantes uma muralha chamada *do Limite* ou *do Cérco*, onde se abria a chamada *Porta do Cérco*.

Esta muralha, construída por ordem do imperador *Van-ly*, em 1573, constituía o limite imposto, aos portugueses que em 1537 tinham ido estabelecer-se em Macau.

Guardada por soldados chineses, a *Porta do Cérco* apenas se abria para dar entrada aos agentes dos mandarins que iam a Macau, sendo absolutamente vedado aos portugueses, o ultrapassá-la. Com o decorrer dos tempos porém, foram caindo tais rigores e por ultimo já a porta deixava de se fechar, tendo muitos vendedores chineses passado a viver em Macau.

Em 1849 deu-se um facto que tristemente celebrizou aquele local; foi o assassinato do Governador de então, o Contra-Almirante João Maria Ferreira do Amaral.

Este governador foi o primeiro que em pró da nossa soberania reprimiu os abusos dos mandarins, que abertamente exerciam a mais absoluta acção fiscal e autoritaria em Macau.

Provocou essa attitude varias rebeliões por parte dos chineses que habitavam a cidade. Ciosos da autoridade que até aí tinham exercido, desejosos de vingar aquilo que elles consideravam uma afronta, e vendo prontamente sufocadas as rebeliões que provocavam, recorreram os mandarins á pratica dum crime revoltante.

Quando passeava despreocupadamente nas proximidades da Muralha do Cérco, foi o governador assaltado e morto traiçoeiramente, por emissários dos mandarins, que em seguida fugiram para o territorio chinês, levando como trofeu a cabeça que, ao bravo official, haviam decepado.

Provocou este crime grande e natural excitação na cidade de Macau, aumentada ainda com a previsão de alguma nova revolta, secundada por forças chinesas que haviam accorrido e já guarneciam a fortaleza do *Passaleão* fronteira á *Porta do Cérco*, donde fizeram fogo sobre a guarda portuguesa com que o Conselho do Governo mandou guarnecer aquela porta.

Impunha-se a necessidade de um acto de força difficil de realizar com as reduzidas forças da guarnição da cidade.

Foi então que Vicente Nicolau de Mesquita, aífere de artilharia, macaense de

origem, num rasgo de bravura e de patriotismo, concebeu o arrojado plano de conquistar a fortaleza de *Passaleão*, chave da defesa de Macau.

Ante o pismo dos chineses, que em grande numero, occupavam a fortaleza, abre-se a *Porta do Cérco*; e Mesquita acompanhado apenas por trinta e seis companheiros, como elle dispostos a morrer pela honra e integridade de Portugal, lança-se, sob uma chuva de metralha, para a montanha onde se elevava a fortaleza e onde, posta em debandada a guarnição que fugiu espavorida perante tal bravura, impôz a gloriosa *Bandeira das Quinas*.

Foi com este brilhante feito de armas, que começou a verdadeira independencia de Macau.

Em 1870, sendo Governador o Contra-Almirante Sergio de Sousa, foi levantado no local onde se achava a antiga *Porta do Cérco*, o portico que está representado na capa deste numero.

Nesse portico, além das datas do barbaço assassinato e da victoria obtida pelos portugueses, lê-se a inscrição:

«*A Patria honrae que a Patria vos contempla*».

ARTE

TEATRO — LITERATURA — MUSICA — PINTURA, ETC.

RD. CARLOS AMARO : : : : :
 LUIS MOITA : : : : :
 JOSÉ AUGUSTO MELO VIEIRA

Noche del Sábado

DE

D. JACINTO BENAVENTE

O terceiro acto passa-se n'uma taberna dirigida por uma especie de Mephisto em mangas de camisa, onde abancam «apaches», bebem marujos e, numa meza ao centro, como uma mancha negra, uma velha alcoolica dormita toda vestida e enluvada de negro. Chamam-lhe a Louca—e aos marinheiros que a interrogam motejando, ella conta as suas passadas grandezas, n'esse doirado tempo em que fóra amante de reis, fizera bater de ciume corações de imperatrizes, gastara em flores n'um só dia o que agora lhe chegava para viver um ano...

Eles riem incredulos; mas ella, descalçando as luvas negras, mostra nuas as suas mãos pequenas, que, palidas se agitam—madreporas moventes que a tempestade atirára para longe das verdes algas veludineas, onde outr'ora adormeciam, do roseo palacio de coraes onde, ao murmuro das ondas, as sereias cantam e sonham...

Vêde, diz ella, se estas mãos algum dia trabalharam? O oiro n'elas cahia como cahe a agua nas conchas: para mais largo se espalhar! Vêde como são belas! Por isso faltar-me-há dinheiro para pão; jamais me falta para guantes...

—Champanhe!—grita um marinheiro comovido, e as rudes e boas almas bebem brindando áquella exilada rainha da bohemia que a rir atirára os beijos, a beleza e o oiro pelas janelas fóra, para os bons e para os maus, aos famintos para pão, aos ébrios para vinho dando enfim um pouco da alegria de viver a cada alma que se lhe acercava—generosa e injusta como a propria vida!

Mas heis que Imperia surge com o seu longo manto, o seu chapéu que lembra um casco de guerra sobre que uma pluma branca paffia; quer falar immediatamente ao principe que, n'um gabinete occulto, a essa hora bebe com Donina entre os musicos e dançarinas do circo. Vem ao encontro de Imperia o inglez devasso que o acompanha; vem de casaca, bebado, a cigarrilha pendente, a gravata e o rosto desmanchados; oferece-lhe o braço para a conduzir junto da festa, mas, quando vão a transportar o lumiar da porta, um grito lancinante sae do fundo do gabinete, corta o ar pesado da taberna...

Com o punhal do principe, de cabo florido de preciosas joias, punhal que já deve ter rasgado seios nus de mulher, em noites de Bysancio—Donina atravessára o coração d'aquelle monstro real para se defender do asco dos seus beijos!

O corpo do herdeiro da Suabia é transportado para o meio da scena, que a loucura e o terror invadem: cerra-se a porta da taberna, luzem folhas

de navalha nas mãos da maruja, toda a canalha se une para occultar e defender o formoso crime enquanto o taberneiro de caprina barba, vae pondo serenidade no tumulto, dispondo os figurantes para dar á tragedia o aspecto d'uma orgia. Ao inspector de policia que aparece interrogando, mostra-lhe o principe que está, diz, perdido de bebado, e ao som d'um «harmonium», em torno do cadaver e occultando-o, a vistosa dança continua, colorida pelos trajes piñescos das dançarinas napolitanas, cantando e batendo com força as pandeiretas, cada vez mais ardente a doida «tarantela» o tragico sabbat que, na alucinação do medo, obedece á voz do taberneiro—Mephisto que comanda Volons, volons!

Mas já quasi tombam de cançados, mal se agitam na escura taberna as gorras vermelhas dos dançarinos, as mãos de Donina, exaustas, já mal fazem vibrar o pandeiro...



Que importa, é preciso salvarem-se—é preciso viver!—e a ronda da folia continua, continua sempre em roda do cadaver do grande principe cahido!

Só Imperia de costas, a um canto do palco, permanece isolada e solene, cubrindo a toda o largo manto resplandecente,—grande borboleta nocturna que em vãos de veludo pelo ar traçou os circulos fatidicos da predestinação e da morte e agora pousa em quietação e silencio...

Com a cabeça sobre a meza, indifferente ao que se passa em roda, a velha alcoolica de negro, há muito adormeceu.

Dorme e sonha talvez o seu sonho infantil de Imperatriz: passeia, sorrindo atravez de umbrosos jardins, ouve, sobre os tanques de marmore, cair, cantando, a agua, os gritos dos pavões pelo crepusculo...

Sonha e reina no Palacio encantado das suas saudades.

Como fatigadas creanças dormem tambem, occultas, nos negros guantes, as suas mãos brancas e finas...

O homem que um dia construiu este acto, garantiu para o seu nome a immortalidade. Ele ficará junto ás telas de Goya a afirmar o genio dum povo que já soube como se vence o mundo,

e que ainda hoje sabe arrancar das profundidades do seu solo as toneladas do minerio riquissimo, como das origens barbaras da sua raça sabe colher a onda que aflude do antigo e generoso sangue. Energias novas lhe irrompem, em cada idade, da Arte o fogo sagrado mantendo-se impercível, alimentado por tantos, que nem posso aqui lembral-os, mas entre cujas palhetas gloriosas se encontra hoje a de Zoulonags, como entre os seus nomes o nome de Benavente.

O quarto acto, que se passa no palacio de Imperia, abre pela visita d'uma condessa que lhe vem pedir dinheiro. Curiosissima a figura d'esta condessa que marca desde o primeiro acto o seu papel de aventureira pratica, especie de Sancho, Pança de saias, ganancioso e reles, aproveitando o seu trotesinho de femea para se aproximar a toda a hora d'aquelle imperial Quichote e ir colhendo as poeiras do seu oiro.

Imperia escuta-lhe a comica historietta dos seus novos amores com o pobre diabo do indio que trabalha no circo com elefantes, enquanto a condessa sempre conjugando as necessidades do seu cio com as da sua bolsa, lá consegue extorquir a Imperia alguns milhares de francos. Nada mais cho-cante do que esta scena real e mesquinha após a impressão de pesadello deixada pelo terceiro acto e, ao assistirse a este dialogo mal se imagina que, por detraz de pesado reposteiro do fundo, está o salão onde Imperia occulto o cadaver do principe herdeiro, assassinado na taberna.

A Leonardo que entra, Imperia conta o que se passou naquela noite de sabado, mostrando-lhe com orgulho o punhal que Donina usara, ainda vermelho de sangue, luciliante de joias... O reposteiro abre-se e a figura do inglez companheiro do principe surge, hamletico, com a face amarela de insomnia e de terror, não querendo mais velar aquele cadaver que o assusta.

E' um serviço diz, que: *no da mucho que hacer, pero da mucho que pensar!* Desde este momento aquele morto começa a tomar uma vida real, um peso e volume enormes, o quer que seja de estúpido e invencível e que a mim me faz de novo pensar em Dorien Gray guardando em casa um cadaver, cujo fedor, quando começar a putrefacção, chamará a cidade inteira, e denunciárá o seu crime. Aqui Imperia consegue impor silencio ao inspector da policia, sob a ameaça de ir gritar bem alto com a canalha da taberna todos os vicios e crimes d'aquelle sangue real, mas ouvem-se dentro, os gemidos e os soluços da imperatriz junto do fillo, enquanto Donina foge alucinada pelos remorsos, a propria Imperia que ir denunciá-la, queimada até ao coração pelas lagrimas d'aquella Mater dolorosa.

E' Leonardo que a salva, e no meio de tantas, e tão brutaes realidades, a incita a ser forte, agora que se encontra á beira do triumpho!

FREI CARLOS.

TEATRO

BILHETE POSTAL

Meu querido Colono:

Começam a aparecer nas esquinas dos teatros de Lisboa os cartazes anunciando a proxima epoca de inverno. E' a marcação do primeiro compasso, chamando a atenção para mais outra vida nova que começa. Boas esperanças? Boas promessas de teatro honesto e elevado, educador dos sentidos e do gosto? Talvez seja ainda cedo para fazer a profecia.

Entretanto, a todo o passo, os teatros leves de segunda ordem continuam na epoca de verão interminavel. A epoca de verão nos teatros entra pelo inverno dentro como aqueles estranhos elegantes que nós já vemos a' pela cidade de sobretudo e chapéu de palha. Em verdade parece não valer a pena marcar a solução de continuidade nas epocas seja de que fôr. Sabe bem deixar-se a gente invadir dos caprichos do tempo, e seguir com ele, francamente, indisciplinado. No fundo, tem razão os elegantes de sobretudo e chapéu de palha. As regras da concordancia são hoje, elas

mesmas, incoerentes. O capricho é a unica verdade confirmada sobre a terra. E as mulheres, que nós chamamos caprichosas, não fazem senão ser coerentes com essa verdade, e merecer o seu destino de procreadoras. A vida está bem feita e os teatros, quanto mais indisciplinados, mais vida brótam, mais agradam ao capricho vão das plateias.

Ora eu venho falar-lhe, justamente, duma mulher e dum teatro. Ambos fazem, neste momento, a mais interessante noticia para si, meu Querido Colono. Ambos tem essa nota sincopada de não querer explicar, razoavelmente a vida. Uma completa o outro e ambos conseguem, ao nosso olhar, iludido com o brilho duma estrela, estrela que se apaga sem deixar o rasto luminoso duma recordação.

Venho falar-lhe dum corpinho adolescente de mulher que, todas as noites, baila no Salão Foz — esse music-hall impertinente, bailados pretensamente classicos, construidos sobre musica romantica e moderna. O corpo é duma elegancia e frescura raras. A cabeça loira, cosmopolita, dessa hespanhola do Real de Madrid, tem por vezes expressões de emoção que nos interessam. Ha nos seus passos um gracioso movi-

mento inexperiente que desperta e chicotea aquela porção de sensualidade helenica que foi a base sentimental do nosso gosto. E todavia, a despeito do movimento ritmado dos braços e das pernas, a bailadeira não póde escapar-se ao fundo de papel de côr em que as suas danças deslisam e os nossos olhos vêm. O fundo de papel côr é o Salão Foz. Victoria Pínillos, que deve ter dançado na capital de Espanha, no silencio de veludo dum teatro de opera, rigido, elegante, snob, baila para nós a Morte do Cysne, de Saint-Saens, entre dois gôles de cerveja dum espectador e os couplets faceis de outra tonadillera. Arte? Iniciação? Sim, um pouco de tudo isso, naquele corpo lindo, naquela curva inteligente de braços cultos, estendidos para o alto. Mas se eu quasi vi, meu Amigo, a bailadeira conversar com a plateia, emquanto o seu corpinho, preto-rubro, dansava uma czarda simpatica, muito plagiada em Brahams...

Se me contaram até certos detalhes copiados da Pawlowa por essa adoravel creança que as circunstancias atiraram para aquele palco, numa epoca de verão interminavel...

LUIS MOITA.

SÁ LEITÃO & C.^A, L.^{DA} R. DA MADALENA, 45, 1.^o
LISBOA
 — Teleg.: "MONDEGO" — Lisboa —

Importação e Exportação

directa das suas casas em ÁFRICA de todos os produtos de ANGOLA (Africa Ocidental Portuguesa)

Café, Cacau,
 Coconote, Óleo de
 palma, Urzela,
 Borracha, Cera de
 abelha, Goma
 copal, Marfim etc.

Em deposito para
 fornecimentos:

Fazendas, Quinquilharias,
 Géneros alimentícios, Fer-
 ramentas, Vidros, Óleos e
 variados artigos da in-
 dustria nacional e estran-
 geira



DESPORTO

ARTUR
INEZ



A primeira categoria do «Hockey Club de Portugal», que ganhou em 1924 o campeonato de hockey em patins

Da esquerda para a direita: Jorge Evaristo, Joaquim Gonçalves, José Teixeira, José Silva e Germano Magalhães (capitão)

Nota preambular

A secção que o meu querido amigo e militar illustre que é o major sr. Oliveira Tavares teve a gentileza de me convidar para dirigir, não se destina, como é facilmente compreensível a ser uma secção de grandes intuitos informativos.

O espaço é pouco, e por outro lado, «A Gazeta das Colonias» é um periodico que tem tambem uma altissima missão a cumprir, que é a emancipação das nossas colonias sob todos os pontos de vista: político, economico e social.

Compreender-se-ha portanto que a maioria desta revista se interesse mais e muito justamente—pelas sagradas coisas coloniais.

A Pagina Desportiva da Gazeta das Colonias, será pois, como que um resumo facil e ameno das coisas de sport da nossa terra.

Revista moderna com um alto objectivo moral que é a propaganda do nosso emporio colonial, tambem a Gazeta das Colonias não podia deixar de acompanhar, embora resumidamente o desporto nacional, que hoje consti-

tue já uma apreciavel força doutrinaria no nosso paiz.

Bem andou, pois, o illustre director desta revista em fazer publicar uma pagina de desporto—pagina que não terá caracter clubista ou politico, porque os nossos intuitos são muito mais elevados.

E dito isto, a guisa de proémio, vamos iniciar a nossa missão.

A. I.

Water-polo

O que se passou no sabado passado no desafio de water-polo de 1.^{as} categorias entre o Sporting Club de Portugal e o Sport Algés e Dafundo, não pôde continuar, para decôro do water-polo e do proprio desporto em geral.

Já os nossos leitores estão informados pelos grandes rotativos, das scenas verdadeiramente indignas que se passaram. Uma pura desordem que merecia a intromissão da policia.

A Liga Portuguesa dos Clubs de Natação tem que agir com toda a energia se não quizer perder de vez

o pouco verniz de prestigio que ainda possue.

O nosso colega *Os Sports* em violenta *en-tete* proclama a necessidade de se desclassificar os dois *teams* e entregar o Campeonato Nacional ao Club Escolar Nautica do Porto.

Embora não sejamos da mesma opinião, porque entendemos que ha outras soluções como o castigo rigoroso dos prevaricadores, julgamos de inadivavel necessidade que a Liga se imponha decidida e corajosamente contra aqueles que querem matar o util e salutar desporto que é o water-polo.

Foot-ball

O desafio jogado no ultimo domingo entre o Casa-ia e o F. C. de Cette,



BAZILIO D'OLIVEIRA

Excelente boxeur, que recentemente chegou a Lisboa e que entrará brevemente num espectáculo de beneficencia promovido pelo sr. governador civil de Lisboa

foi o melhor jogado por parte dos francezes, sem que com isto queiramos dizer que o Cette é agrupamento que possa enfileirar-se com as nossas melhores *equipes*.

O Cette, não obstante ter efectuado o seu melhor jogo, perdeu por 1-2.

O Casa Pia não se mostrou em forma e jogou com bastante violencia, o que é condenavel. Por sua vez os francezes não lhes ficaram atrás em jogo *sucio*.

— Na segunda-feira o Cette jogou o ultimo desafio da série que veio efectuar a Lisboa.

Foi seu adversario o Sporting Club de Portugal que venceu os francezes por 3 *goals* a 1.

Foi um encontro monotono e falho de interesse.

E' certo que o publico já sabia das possibilidades dos francezes. Mas de-sejoso de assistir a uma retumbante vitoria dos *leões* lá foi ao Campo Grande e saiu desiludido, porque os rapazes do Lumiar deixaram a sciencia em casa e preocuparam-se apenas em assegurar uma vitoria... que estava de antemão assegurada, em vista da falta de classe do agrupamento francês.

Em resumo: o Cette em Portugal

alcançou uma vitoria, um empate e sofreu três derrotas.

Não nos deixou saudades, tanto mais que ainda tinhamos o paladar do magnifico e saboroso jogo do Real Club Deportivo Español...

Box

A *soirée* de box efectuada no sabado 4 de Outubro no Coliseu, foi boa, mas o publico retraiu-se, naturalmente porque não se tratava de combates de *chiqué*.

Chassagne bateu Albano Martins por K. O. ao 8.º round.

Oliva fez *match* nulo com Faustino Pereira e Leo Giunchi venceu Pessieto, por este ter sofrido um acidente durante a luta que o impossibilitou de prosseguir o combate.

Felicitemos os organisadores pela honestidade da organização que foi francamente excelente.

Natação

Alves Miguel e Bessone Basto vão tentar bater o *record* da distancia, lançando-se á agua ao mesmo tempo.

Esta prova é feita por virtude dum repto que Bessone lançou a Miguel e que este muito sportivamente aceitou.

Fabrica de Agua Oxygenada
PEROXHYDRIL



De todas a melhor

L. B. Bandeira de Melo
Escritório: Rua Augusta, 75-1.º

LISBOA

Telefone—C. 2670 Telegramas—Algodão

Companhia Nacional
DE
PRODUTOS COLONIAIS, L.ª DA
Rua dos Fanqueiros, 15—LISBOA
*Transações sobre cacau,
café, cera, coconote e couros*

A CONSTRUTORA, L.ª da

Capital realizado: 2.500.000\$00

Séde em LOBITO

CAIXA POSTAL N.º 10

Filial em BENGUELA

CAIXA POSTAL N.º 32

Delegação em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 235, 2.º-Esq.

Telefone n.º 2772

Telegramas | Rodrivalho — LISBOA
Construtora — LOBITO

GERENTES EM:

AFRICA

Sousa Lara & C.ª Ld.
Joaquim Duarte

LISBOA

José Rodrigues de Carvalho
Mariano Machado

Deposito de materiais no Lobito e Benguela

Encarrega-se de construções no Lobito e ao longo do Caminho de Ferro desde o Lobito até ao Bié (Silva Porto) Kilometro 627

MOVIMENTO MARITIMO

IDA

Companhias	VAPORES	SAÍDAS DE	CHEGADA A																								
			Funchal	S. Vicente	S. Tiago	Principe	S. Tomé	abinda	Santo Antonio	Ambitz	Loanda	Novo Redondo	Lobito	Benguela	Mossamedes	Bahia dos Tigres	Porto Alexandre	Lourenço Marques	Beira	Moçambique	Porto Amélia	Ibo	India	Singapura	Macao	Timor	
Companhia Nacional de Navegação	Pedro Gomes																										
	Moçambique																										
	Beira	Lisboa	17	21	22	30	1	5	6	7	7	12	13	15	17	19	20										
	Africa	Lisboa	3	Out.	Out.	Out.	14	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.										
	Portugal	Lisboa	17	21	22	30	1	5	6	7	7	12	13	15	17	19	20										
	Lour. Marques	Lisboa	3	Nov.	Nov.	Nov.	14	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.	Nov.										
	Pedro Gomes	Lisboa	17	21	22	30	1	5	6	7	7	12	13	15	17	19	20										
	Usaramo																										
	Ad. Woermann																										
	Usambara																										
Deutscher Afrika Dienst	Nyassa	Lisboa																									
	Wangoni	Lisboa																									
	Ussukuma	Hamburgo																									
	Sutan	Lisboa																									
	Tanganjika	Lisboa																									
	Usaramo	Hamburgo																									

REGRESSO

Companhias	VAPORES	SAÍDAS DE	CHEGADA A																							
			Moçambique	Beira	Lourenço Marques	Porto Alexandre	Bahia dos Tigres	Mossamedes	Benguela	Lobito	Novo Redondo	Loanda	Ambitz	Santo Antonio	Cabinda	S. Tomé	Principe	S. Tiago	S. Vicente	Funchal	Porto Amélia	Ibo	Macao	Timor	Lisboa	Amsterdam
Companhia Nacional de Navegação	L. Marques																									
	Portugal																									
	Angola	Moçambique																								
	P. Gomes	Porto Alex.																								
	Moçambique	Moçambique																								
	Beira	Porto Alex.																								
	Africa	Moçambique																								
	Usaramo	Beira																								
	Adolph Woerm.	30 Outubro de	Nov.																							
	Usambara	Beira																								
Deutscher Afrika Dienst	Nyassa	Beira																								
	Wangoni	Beira																								
	Ussukuma	Beira																								
	Sutan	Beira																								
	Tanganjika	Beira																								
	Kon. der Nederl.	Singapura																								
	Jan Pzn.	Singapura																								
	Coen	24 de Outubro																								

8
Nov.
22
Nov.

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde — LISBOA — Rua do Comercio
Agencia — LISBOA — Cais do Sodré

Capital social: Esc. 48.000:00\$000

Capital realiado: Esc. 24.000:000\$00

Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarém, Setúbal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes, Vizeu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroísmo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cab. Verde, Bissau, Bolama, Kinshasa (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Lcanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. — Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

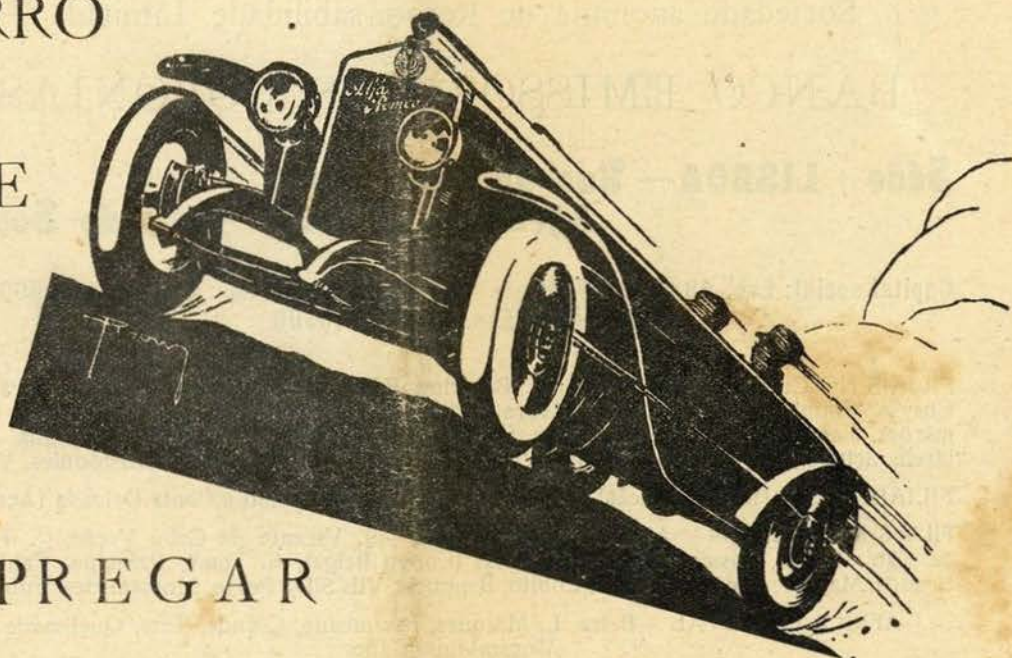
Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

A VELOCIDADE

NUNCA FALTARÁ AO

CARRO

QUE



EMPREGAR

Auto-Gazo

A MELHOR

GAZOLINA

VACUUM OIL COMPANY